

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

POLIANE DE ALENCAR HOLANDA

**AÇÃO DOS MEDIADORES PSICOLÓGICOS NA
INICIAÇÃO DO VOLEIBOL**

JOÃO PESSOA / PB

2011

POLIANE DE ALENCAR HOLANDA

**AÇÃO DOS MEDIADORES PSICOLÓGICOS NA
INICIAÇÃO DO VOLEIBOL**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. Rogério Márcio Luckwu dos Santos

JOÃO PESSOA / PB

2011

H722a Holanda, Poliane de Alencar.

Ação dos mediadores psicológicos na iniciação do voleibol / Poliane de Alencar
Holanda. – João Pessoa: [s.n.], 2011.
76 f. : il. -

Orientador: Rogério Márcio Luckwu dos Santos.
Monografia (Graduação) – UFPB/CCS.

1. Iniciação desportiva. 2. Voleibol. 3. Clima motivacional percebido. 4.
Mediadores psicológicos – Motivação.

BS/CCS/UFPB

CDU: 796.077.5(043.2)

POLIANE DE ALENCAR HOLANDA

AÇÃO DOS MEDIADORES PSICOLÓGICOS NA INICIAÇÃO NO VOLEIBOL

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Data de defesa: 13 de julho de 2011

Resultado: 10.0

Banca Examinadora

Nome do orientador
UFPB/CCS/DEF

Prof. Ms. Rogério Márcio Luckwu dos Santos

Nome do membro da banca
UFPB/CCS/DEF

Prof. Ms. Leonardo dos Santos Oliveira

Nome do membro da banca
UFPB/CCS/DEF

Prof. Dr. Jorge Fernando Hermida

A minha mãe, Maria Fernandes de Alencar,
que é à base de todo o meu crescimento
profissional e pessoal, a qual sempre me
incentivou e acreditou no meu potencial.
Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me concedido força e determinação.

A minha mãe, minha base, sem a qual não estaria aqui, por ter me fornecido condições de crescimento profissional, por todo incentivo, compreensão, apoio, e, em especial por todo carinho ao longo dessa caminhada.

Aos familiares, que sempre depositaram uma confiança enorme no meu potencial e que me apoiaram em todos os momentos.

A todos os colegas de curso, pelo companheirismo, pelo apoio, trocas de conhecimento e experiências partilhadas, durante nossa caminhada.

Aos amigos Diego Lopes, Érika Ramalho, William Vianna, Jéssicka Suellen, Alinne Emanuelle e Lucymara Oliveira pela amizade, cumplicidade, paciência, pelo amparo e constantes palavras de incentivo.

Ao Professor Esp. Idebaldo Grisi, o qual propiciou inúmeras experiências e oportunidades de conhecimento durante toda a vida acadêmica, cujos ensinamentos se prolongam para além do conhecimento técnico-científico.

Aos professores do curso, por todas as experiências compartilhadas, pois cada um deixou uma parcela de conhecimento para que eu pudesse chegar até a conclusão do curso.

Às escolas e clubes, aos professores e aos alunos que se prontificaram em participar da pesquisa, colaborando para o engrandecimento desse estudo.

Ao Professor Ms. Rogério Márcio Luckwu dos Santos, que durante este percurso mostrou-se um exímio orientador, sempre tratando os orientandos com muita dedicação, sabedoria e paciência. Obrigada pelos conhecimentos prontamente compartilhados e pelas constantes sugestões, sem os quais não seria possível a realização desta pesquisa.

A todos o meu muito obrigada!

"Se você quer ser bem sucedido, precisa ter dedicação total, buscar seu último limite e dar o melhor de si mesmo."

Ayrton Senna

RESUMO

Este estudo tem como objetivo verificar a ação dos mediadores psicológicos sobre a motivação de jovens atletas na iniciação do voleibol da cidade de João Pessoa. Participaram do estudo 123 atletas de ambos os gêneros com idades entre 11 e 17 anos, (M = 13.43; DP= 1.55). Para avaliar as variáveis percepções de Clima Motivacional, Motivação Autodeterminada e a Satisfação das Necessidades Psicológicas foram utilizados respectivamente: o PMCSQ (Perception of Motivational Climate Sport Questionnaire) elaborada por Biddle et al (1995) traduzido, adaptado e validado para o contexto desportivo brasileiro como PMCSQ-2 por Benck (2006), a SMS (Sports Motivation Scale) desenvolvida por Pelletier et al. (1995) traduzida e adaptada ao contexto brasileiro por Serpa, Alves e Barreiros (2004) e ESaNPd (Escala de Satisfacción de Necesidades Psicológicas en el Deporte) elaborada por Guzman e Luckwu (2008), traduzida e adaptada ao contexto brasileiro por Albuquerque, Luckwu e Moura (2010). Os resultados mostraram que há uma relação significativa entre o Clima Motivacional, os níveis de percepção de satisfação das necessidades psicológicas e a motivação, aonde quanto maiores os níveis de percepção do clima motivacional para a maestria maior a satisfação das necessidades psicológicas. Por outro lado, quanto maior a satisfação da percepção das necessidades psicológicas, maiores os níveis das motivações intrínsecas e motivações extrínsecas, apresentando resultado oposto para os níveis de amotivação. Entretanto, quanto maior o clima motivacional para o rendimento menor será a satisfação das necessidades psicológicas.

Palavras chave: Iniciação desportiva, Voleibol, Clima motivacional percebido, Mediadores Psicológicos e Motivação.

ABSTRACT

This study aims to verify the action of psychological mediators on the motivation of young athletes in the initiation of volleyball, from the city of Joao Pessoa. The study included 123 athletes of both genders with aged between 11 and 17 years ($M = 13:43$, $SD = 1.55$). To evaluate the variables perceptions of Motivational Climate, Self-determined Motivation and Satisfaction of Psychological Needs, were used respectively the PMCSQ (Perception of Motivational Climate Sport Questionnaire) developed by Biddle et al (1995) translated, adapted and validated for the Brazilian sporting context-PMCSQ 2 per Bencke (2006), a SMS (Sports Motivation Scale) developed by Pelletier et al. (1995), translated and adapted to the Brazilian context by Serpa, Alves and Barreiros (2004) and ESaNPd (Escala de Satisfacción de Necesidades Psicológicas en el Deporte) elaborated by Guzman and Luckwu (2008), translated and adapted to the Brazilian context by Albuquerque, Luckwu and Moura (2010). The results showed that there is a significant relationship between the Motivational Climate, levels of perception of satisfaction of psychological needs and motivation where the higher the levels of perception of motivational climate for the mastery, greater is the satisfaction of psychological need. On the other hand, the higher the satisfaction of the perception of the psychological needs, higher the levels of intrinsic motivations and extrinsic motivations, presenting opposite results for the levels of a motivation. However, the higher the motivational climate for the performance the lower the satisfaction of psychological needs.

Keywords: Initiation sports, Volleyball, Perceived motivational climate, Psychological Mediators and Motivation.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo verificar la acción de los mediadores psicológicos sobre la motivación de jóvenes deportistas en la iniciación del volibol de la ciudad de João Pessoa. Participaron del estudio 123 jugadores de ambos géneros con edades entre 11 y 17 años ($M = 13.43$; $DT = 1.55$). Para evaluar la variables e clima motivacional percibido, motivación autodeterminada y satisfacción de las necesidades psicológicas fueron utilizados respectivamente: el PMCSQ (Perception of Motivational Climate Sport Questionnaire) desarrollada por Biddle et al (1995), traducido, adaptado y validado para el contexto brasileño como PMCSQ-2 por Benck (2006); la SMS (Sports Motivation Scale) desarrollada por Pelletier et al. (1995) traducida y adaptada al contexto brasileño por Serpa, Alves y Barreiros (2004) y la ESaNPD (Escala de Satisfacción de Necesidades Psicológicas en el Deporte) elaborada por Guzmán y Luckwu (2008), traducida y adaptada al contexto brasileño por Albuquerque, Luckwu y Moura (2010). Los resultados mostraron que hay una relación significativa entre el clima motivacional, los niveles de percepción de satisfacción de necesidades psicológicas y la motivación, en que a mayores niveles de percepción de un clima motivacional de maestría mayores los niveles de satisfacción de las necesidades psicológicas. Por otro lado, cuanto mayor la satisfacción de las necesidades psicológicas, mayores los niveles de motivación intrínseca y extrínseca presentado resultado opuesto para los niveles de amotivación. No obstante, cuanto mayor el clima motivación para el rendimiento, menores los niveles de satisfacción de las necesidades psicológicas.

Palabras clave: Iniciación deportiva, Volibol, Clima motivacional percibido, Mediadores Psicológicos y Motivación.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Continuum de Autodeterminação nos diferentes tipos de motivação (Adaptado de GUZMÁN e LUCKWU, 2008)	36
Figura 2 - Modelo Hierárquico da Motivação (Adaptado de GUZMÁN e LUCKWU, 2008)	38
Figura 3 - Modelo 1 - Clima Motivacional → Mediadores Psicológicos → Variáveis da Motivação	53
Figura 4 - Modelo 2 - Clima Motivacional → Mediadores Psicológicos → Índice de Autodeterminação	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição das estruturas de alto nível de clima motivacional orientado ao ego e à tarefa adaptado de Biddle (2005)	28
--	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Idade e Tempo de Treino	46
Tabela 2 – Frequencia por Equipe	46
Tabela 3 – Frequencia por Gênero	47
Tabela 4 – Estatística Descritiva e Fiabilidade das Escalas	48
Tabela 5 – Análise Correlacional das Variáveis	51
Tabela 6 - Coeficiente de Regressão e Nível de significância dos Mediadores Psicológicos e das variáveis da Motivação	54
Tabela 7 - Coeficiente de Regressão e Nível de significância dos Mediadores Psicológicos e do Índice de Autodeterminação	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 REVISÃO DE LITERATURA	20
2.1 INICIAÇÃO DESPORTIVA	20
2.2 PSICOLOGIA DESPORTIVA	21
2.2.1 Motivação	22
2.3 TEORIA DAS METAS DE REALIZAÇÃO	23
2.3.1 Entorno Social e Iniciação Desportiva	24
2.3.2 Clima Motivacional	26
2.4 TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO	29
2.4.1 Satisfação de Necessidades Psicológicas	30
2.4.1.1 Necessidade de autonomia	30
2.4.1.2 Necessidade de competência	31
2.4.1.3 Necessidade de relacionamento	31
2.4.2 Classificação da Motivação	32
2.4.2.1 Motivação intrínseca (MI)	32
2.4.2.2 Motivação extrínseca (ME)	34
2.4.2.3 Amotivação	35
2.4.3 Continuum de Autodeterminação da Motivação	36
2.4.4 Modelo Hierárquico de Motivação Intrínseca e Extrínseca	37
2.5 ESTUDOS RELACIONADOS	39
2.5.1 Mediadores Psicológicos e Motivação Desportiva em Judocas Espanhóis (GUZMÁN, J. F. e CARRATALÁ, V., 2006)	39
2.5.2 Desportividade no Handebol: Uma Análise desde a Teoria da Autodeterminação (LUCKWU, R. M. e GUZMÁN, J. F., 2011)	40
3 MATERIAIS E MÉTODOS	41
3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA	41
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA	41
3.3 VARIÁVEIS E INSTRUMENTOS	42
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	43
3.4.1 Aplicação dos Questionários	44
3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	44

4 RESULTADOS	46
4.1 ESTATÍSTICA DESCRITIVA	46
4.2 ANÁLISE CORRELACIONAL	50
4.3 ANÁLISE ESTRUTURAL	52
4.3.1 Modelo do Clima Motivacional → Mediadores Psicológicos → Variáveis da Motivação	52
4.3.2 Modelo do Clima Motivacional → Mediadores Psicológicos → Índice de Autodeterminação	55
5 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	58
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICES	68
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)	69
Apêndice B - Termo de Solicitação de Pesquisa	71
ANEXOS	72
Anexo A - Questionário de Percepção de Clima Motivacional (PMCSQ-2)	73
Anexo B - Questionário da Escala das Necessidades Psicológicas (ESaNPD)	74
Anexo C - Escala de Motivação Desportiva (EMD)	75
Anexo D - Certidão de Aprovação do Comitê de Ética do HULW	76

1 INTRODUÇÃO

É fato que o voleibol vem crescendo, a cada dia, nas atividades esportivas do país, o que, de certa forma, acaba influenciando no surgimento de novas escolinhas de iniciação desportiva e despertando o interesse dos jovens em sua prática. Moreno et al. (2000) definem iniciação esportiva como um processo de ensino-aprendizagem para a aquisição da capacidade de execução prática e conhecimento de um esporte, considerando este conhecimento o contato com o esporte até a capacidade de praticá-lo com adequação à sua estrutura funcional.

Desta forma, a iniciação desportiva compreende o período em que a criança ou adolescente começa a ser introduzida em um sistema de treinamento planejado objetivando a melhoria da performance e conseqüentemente a participação no cenário competitivo.

A psicologia desempenha um papel muito importante na iniciação esportiva, auxiliando na reflexão de treinadores e pais sobre o processo de ensino-aprendizagem, no sentido do respeito emocional, como também no entendimento do comportamento e nas relações sociais. A psicologia desportiva é um campo de investigação que possui mais de cem anos (VIDAL et al., 2001). Ela estuda o comportamento humano em situações de práticas esportivas, bem como os fatores psicológicos que a ele são associados. Na psicologia desportiva, a motivação é uma das áreas mais investigadas. Samulski (2002) caracteriza-a como um processo ativo, intencional e dirigido a um objetivo, no qual depende da influência mútua de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos). Ela possui várias correntes de pensamentos. Para a fundamentação deste estudo utilizou-se duas teorias voltadas para o esporte, são elas, a Teoria das Metas de Realização e a Teoria da Autodeterminação.

A Teoria das Metas de Realização é fundamentada por vários autores (Ames, 1987; Ames e Archer, 1987, 1988; Dweck, 1986; Dweck Elliot, 1983; Dweck; Legget, 1988; Maher, 1974; Maher; Nicholls, 1980; Nicholls, 1978, 1984, 1989). Nela é o indivíduo que direciona suas metas de forma intencional e racional. Desta forma, a teoria determina o clima motivacional percebido, o qual apresenta duas tendências de orientações, são elas 1) Clima motivacional orientado para o rendimento, nela os indivíduos são motivados por fatores externos, ou seja, pelo reconhecimento no

ambiente e 2) Clima motivacional orientado para a maestria, onde a realização de uma atividade depende de si mesmo, não se preocupando com as influências externas. Um atleta orientado para o rendimento refere-se, por exemplo, em ser comparado com um dos melhores jogadores da modalidade, ou considerado o modelo padrão da equipe. Já um atleta que é orientado para a maestria, refere-se em desenvolver e demonstrar competência para si, não se comparando com os outros, mas sim uma comparação na evolução de suas próprias habilidades, ou seja, de auto-superação.

Encontra-se, também, a Teoria da Autodeterminação (Deci; Ryan, 1985), que defende que o comportamento humano é estimulado por três necessidades psicológicas, são elas a autonomia, competência e relacionamento. A satisfação das três é considerada fundamental para um ótimo desenvolvimento e saúde psicológica. Segundo esta teoria a motivação é dividida em três tipos: a motivação intrínseca que é gerada por fatores internos à pessoa, ou seja, interesse em realizar algo, a motivação extrínseca fruto da ação do ambiente, e a amotivação que compreende na ausência da motivação.

As necessidades psicológicas básicas determinam a conduta do indivíduo, e para (DECI E RYAN, 2000) a motivação é analisada por um continuum de motivacional, o qual é classificado de acordo com os tipos de motivação, oscilando entre formas menos e mais autodeterminadas. Considerando os princípios fundamentais da teoria da autodeterminação (Deci; Ryan, 1985) Vallerand (1997) propôs um Modelo Hierárquico de Motivação Intrínseca e Extrínseca. Este modelo define que os diferentes tipos motivacionais são influenciados por fatores sociais, que são exercidos através da satisfação das necessidades psicológicas básicas, resultando em consequências de caráter cognitivo, afetivo e comportamental.

Inúmeras pesquisas são encontradas a partir da temática motivação no esporte, porém a maioria dos estudos são publicações internacionais. Com isso, há uma grande escassez de estudos voltados para a realidade brasileira, como também para a iniciação desportiva, neste contexto. Ademais, a literatura apresenta poucos estudos que verifiquem e correlacionem à percepção do clima motivacional, a ação dos mediadores psicológicos (autonomia, competência e relacionamento) sobre a motivação autodeterminada.

Determinadas condutas e metodologias utilizadas pelos treinadores durante os treinos, podem influenciar no processo de aderência, permanência e abandono

esportivo do jovem iniciante. Desta forma, é de suma importância que os profissionais da área entendem um pouco sobre a psicologia desportiva. Diante do exposto, entende-se que o estudo seja bastante relevante, uma vez que aborda aspectos importantes para o profissional de Educação Física, que atua no esporte e especificamente, na iniciação esportiva, contribuindo para o aperfeiçoamento e adequação de um treinamento, e um melhor entendimento sobre os fatores motivacionais e os mediadores psicológicos que influenciam, diretamente, no comportamento dos atletas e no rendimento dos mesmos. Enfim, auxiliam na relação teoria e prática, servindo de base para estudos posteriores nas áreas da psicologia desportiva e da iniciação desportiva.

O presente estudo tem a seguinte questão norteadora: qual o papel da percepção da satisfação de autonomia, competência e relacionamento sobre a motivação de jovens atletas na iniciação do voleibol?

O estudo apresenta como objetivo geral verificar qual a ação dos mediadores psicológicos sobre a motivação de jovens atletas na iniciação do voleibol. Tendo como etapas para o alcance de tal finalidade, os objetivos específicos citados abaixo:

- Identificar a percepção do clima motivacional, orientado para a maestria ou para o rendimento, da amostra;
- Verificar o nível de percepção de satisfação das necessidades psicológicas dos jovens atletas de voleibol;
- Identificar o nível de motivação dos participantes da pesquisa;
- Verificar correlações o clima motivacional, mediadores psicológicos e os níveis de motivação de jogadores iniciantes no voleibol;

Desta forma, a partir das análises efetuadas e baseando-se na fundamentação teórica e empírica, pode-se equacionar as seguintes hipóteses para o estudo:

- (0) A percepção do clima motivacional não influencia na satisfação das necessidades psicológicas e a satisfação das necessidades psicológicas não influencia na motivação autodeterminada;
- (1) Um clima motivacional de maestria influencia positivamente na satisfação das necessidades psicológicas e um clima motivacional de rendimento influencia

negativamente na satisfação das necessidades psicológicas, bem como e a satisfação das necessidades psicológicas influencia positivamente na motivação autodeterminada;

- (2) Um clima motivacional de maestria influencia negativamente na satisfação das necessidades psicológicas e um clima motivacional de rendimento influencia positivamente na satisfação das necessidades psicológicas, bem como a satisfação das necessidades psicológicas influencia negativamente na motivação autodeterminada;

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 INICIAÇÃO DESPORTIVA

O esporte é considerado um dos maiores fenômenos deste século, sendo cada vez mais evidenciado seu crescimento e tendo seus significados ampliados. Ele é abordado como um fenômeno sócio-cultural aplicados em várias dimensões, como no lazer, no social, na escola e no treinamento. Devido ao seu crescimento no cenário moderno, o esporte vem despertando o interesse da prática de crianças e adolescentes. Pode-se notar que esse interesse acarreta no surgimento de novas escolinhas esportivas.

Segundo Ferreira (2001), a pedagogia na iniciação esportiva é um campo de conhecimento que vem cada vez mais se desenvolvendo e contribuindo para a valorização e a prática do esporte, buscando adequar situações as condições de ordem sociológicas, psicológicas, motoras, educacionais e morais no desenvolvimento do aluno. A iniciação esportiva é o primeiro contato do jovem atleta com qualquer que seja o esporte. Seus fundamentos, princípios, características, regras e movimentações são apresentadas em um sistema de treinamento planejado (RAMOS; NEVES, 2008).

Atualmente, é de senso comum que o voleibol é um dos esportes mais praticados por crianças e adolescentes no cenário brasileiro. É um jogo desportivo coletivo praticado por duas equipes, em uma área definida e dividida por uma rede colocada no meio do campo, o mesmo consiste em enviar a bola por cima da rede, para o campo adversário, com objetivo de cair na quadra e marcar o ponto. Para Rizola (2003), a evolução estrutural da modalidade, possibilitou que a sua prática, inicialmente recreativa, passasse para a esfera do treinamento esportivo, ganhando grande espaço como esporte de competição. A riqueza de opções nas ações de ataque e defesa despertam um grande interesse junto ao público.

Segundo a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV, 2011), os fundamentos do voleibol são todas as ações fundamentais para o jogo, são eles: saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio e defesa. As dificuldades de aprendizagem desta modalidade se traduzem por uma exigência na eficiência da técnica de seus

fundamentos, pois não são movimentos naturais da criança. De acordo com Gallahue (2001), as crianças que são ativamente envolvidas em atividades com combinações de vários movimentos têm uma rápida expansão de suas habilidades. As execuções bem sucedidas das habilidades esportivas são dependentes de movimentos fundamentais maduros. Uma vez ultrapassado o estágio transição, progredi-se para o estágio final que envolve a aplicação das habilidades de movimentos especializados do esporte, podem gerar prejuízos a criança, tanto no repertório motor, social e psicológico.

Sabe-se que a prática esportiva em jovens é bastante saudável, porém alguns pontos são levantados sobre a iniciação desportiva, tornando a mesma preocupante. Em muitos casos têm-se uma definição e especialização precoce no esporte, há uma busca pela plenitude atlética de jovens que ainda estão em formação, cobranças e competições exageradas, além das pressões psicológicas dos pais e treinadores. Isso influencia na auto-estima, na motivação, no bem estar e na maneira do jovem lidar com situações competitivas, afirma KUNZ (1994). Deve-se considerar que cada indivíduo pensa, age, emociona-se e se desenvolve em tempos e formas diferentes (FERREIRA, 2001). Neste contexto, a psicologia desportiva estuda o comportamento humano em situações de práticas esportivas, bem como os fatores psicológicos que a ela são associados, orientando por meio de ações preventivas e de intervenções o aprimoramento do desempenho atlético e na superação de situações adversas.

2.2 PSICOLOGIA DESPORTIVA

A psicologia é uma ciência que estuda o comportamento humano e os seus processos mentais. Ela é dividida em várias áreas de estudo, neste estudo abordaremos a psicologia desportiva. A psicologia desportiva é uma área de investigação que possui mais de cem anos, o seu primeiro estudo foi sobre o rendimento em grupo de ciclistas por um psicólogo da Indiana University, porém a especificidade da área só foi estabelecida em meados dos anos 80. Segundo Singer (1993) a psicologia desportiva agrega a investigação, a educação e atividades práticas programadas referentes à compreensão, a explicação e a influência de

comportamentos de sujeitos e de equipes envolvidas em esporte, seja ele de alto nível ou recreativo, como também em outras atividades físicas. Weinberg e Gould (2001) definem a psicologia desportiva como o estudo científico dos indivíduos e dos seus comportamentos nas atividades esportivas.

A psicologia desportiva é uma área de estudo científico do comportamento humano, relacionando-o com atividades esportivas e atividades físicas. A preparação psicológica dos atletas pode auxiliar no melhor relacionamento da equipe, na motivação do grupo, na promoção e melhoria dos rendimentos nas competições.

Segundo Vieira et al (2010) a psicologia desportiva no Brasil vem sofrendo influências nas investigações internacionais e apresentam temáticas semelhantes, são elas: ativação, motivação, estresse, ansiedade, estado de humor, agressividade, controle emocional, entre outras. Entre os domínios da mesma, a motivação está relacionada em grandes números nas pesquisas no âmbito esportivo.

2.2.1 Motivação

A motivação ocupa um lugar central entre as temáticas nas pesquisas de psicologia (Pfromm Netto, 1995), aqui enfocaremos no cenário esportivo. Motivação palavra de origem Latim “movere” significa mover, ou seja, decide-se a fazer algo. De acordo com dicionário da língua portuguesa (Ferreira, 1999), motivação é o conjunto de fatores, os quais agem entre si, e determinam a conduta de um indivíduo.

Segundo Bzuneck (2001) a motivação seria o razão pelo qual uma pessoa toma decisões e atitudes, direcionando o alcance de determinados objetivos. Samulski (2002) caracteriza a motivação como sendo um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, no qual depende da relação de fatores intrínsecos e extrínsecos. Somando-se a mesma idéia, Vallerand e Thill (1993) definem a motivação como um construto hipotético que delinea as forças internas e externas que determinam a iniciação, direção, intensidade e persistência de sua conduta. Com isso, a motivação pode ser conceituada como um conjunto de determinantes ambientais de forças internas e de incentivos externos que movem o indivíduo a realizar determinada ação. Os fatores intrínsecos são características motivacionais do próprio indivíduo onde não há influência de fatores externos. Já os fatores

extrínsecos são os que os indivíduos sofrem intervenções e influências externas. Por exemplo, jogar voleibol por prazer e jogar voleibol almejando chegar à seleção brasileira, respectivamente.

Outros autores como Cratty (1984) defendem que a motivação significa os processos que levam as pessoas a uma ação ou à inércia em diversas situações e que se separa em duas subdivisões principais. Com o mesmo pensamento, Becker Jr. e Samulski (1998) afirmam que a motivação reflete nas razões pelas quais um atleta opta por um esporte, que pode ser influenciada por situações e pessoas, por experiências passadas, atuando sobre a consciência do atleta e classificando-se em motivação intrínseca e motivação extrínseca.

É importante observar que as citações referentes à motivação configuram um mesmo consenso de idéia, ou seja, motivo que dirige, impulsiona, conduz uma ação e comportamento do indivíduo.

No contexto da Psicologia do Desporte diferentes teorias dão suporte ao estudo da motivação, como por exemplo, a teoria da atribuição (WEINER, 1985), a teoria das metas de realização (AMES, 1987), a teoria da motivação através da percepção da competência (HARTER, 1988) e a teoria da autodeterminação (DECI; RYAN, 1985), ambas tentam explicar o comportamento humano e motivos que nos levam a realizar determinada atividade, cada uma com suas peculiaridades. Porém, para a fundamentação deste estudo utilizaremos duas teorias mais específicas para o esporte (Goulart, 2007), são elas: a Teoria das Metas de Realização e a Teoria da Autodeterminação.

2.3 TEORIA DAS METAS DE REALIZAÇÃO

A teoria das metas de realização é aplicada em várias áreas de investigação, na qual podemos citar: escolar, industrial, administrativa e esportiva. Ela começa a ser aplicada nos esportes em geral a partir dos anos 80. Segundo Goulart (2007, p. 32), “a teoria das metas de realização afirma que o indivíduo é um organismo que direciona suas metas de forma intencional e racional, que guia suas decisões e comportamentos dentro de um conceito de realização”. Desta forma, as pessoas

atuam de forma consciente, predeterminando objetivos e visando o alcance de metas.

A teoria das metas de realização apresenta três construtos centrais que são bastante investigadas no contexto esportivo, são elas: orientação às metas, a percepção do clima motivacional e o envolvimento com as metas (DUDA, 2005).

As orientações às metas determinam e fundamentam o clima motivacional, bem como envolvimento com as metas. Ela é orientada pela percepção dos atletas em suas escolhas e decisões, as quais podem ser baseadas pela vontade própria ou por influência do meio social. Assim, a percepção do clima motivacional dos indivíduos pode ser determinada por duas metas de orientação, uma orientada para o rendimento ou ego e a outra para a maestria ou tarefa.

Segundo Nicholls (1984), a orientação motivacional para o rendimento demonstra satisfação pelo reconhecimento de suas habilidades e pelo alcance de status, já na orientação motivacional para a maestria os indivíduos realizam ações para demonstrarem competência e por acreditarem em si, não se comparando com os demais. Por exemplo, em uma orientação para o rendimento, o atleta participa do esporte almejando o ganho de títulos, de medalhas, entre outros. Em uma orientação para a maestria o atleta participa da modalidade visando à aprendizagem, auto-superação e a vivência de uma nova experiência. Atletas orientados para o rendimento tendem apresentar mais motivados extrinsecamente, já os orientados para a maestria tendem apresentar maior motivação intrínseca.

2.3.1 Entorno Social e Iniciação Desportiva

Pesquisadores da Teoria da Autodeterminação tem buscado investigar as influências socioculturais com o objetivo de identificar quais as condições que incentivam, fortalecem, diminuem e enfraquecem os recursos internos motivacionais do aluno (DECI; RYAN, 1985, REEVE; DECI; RYAN, 2004). O ambiente social, neste caso o local de treino, influencia na motivação dos atletas através das percepções de autonomia, competência e de relacionamento (mediadores psicológicos).

Segundo Carratalá (2004), a investigação da relação da motivação dos atletas com o ambiente esportivo é centrado em três fatores sociais: o êxito e fracasso, a competição e a cooperação e por fim o procedimento do treinador. O êxito e

fracasso representam um importante fator social no esporte, pois estão relacionados à percepção de competência e da motivação, de maneira que situações de feedback de fracasso geram sentimentos de incompetência e diminuem a motivação intrínseca dos atletas. De forma contrária, situações que proporcionam um feedback de êxito geram sentimentos de competência e elevação da motivação intrínseca.

A competição e a cooperação representam importantes fatores sociais que podem afetar a motivação dos atletas. Alguns autores como Ames (1992), Duda (1992), Dweck (1986) e Nicholls (1984) sugerem que a motivação intrínseca diminui à medida que passamos a nos focalizar na competição, pois as percepções dos mediadores psicológicos tendem a diminuir, provocando então a redução da motivação intrínseca na realização de uma atividade, pois no contexto do esporte competitivo, o objetivo é vencer ao realizar uma tarefa. Por outro lado um ambiente onde a cooperação está presente entre os atletas, tende ser um ambiente que proporcione mais efeitos positivos na aprendizagem, no rendimento e na satisfação. Como também na percepção de autonomia e na motivação intrínseca (CARRATALÁ, 2004).

A relação entre professor e aluno é de extrema importância para o contexto esportivo, pois o técnico é uma das figuras mais motivacionais e suas condutas influenciam na formação e comportamento dos atletas. O técnico é para muitos autores, como Goulart (2007) e Duda (2005), o principal formador do clima motivacional do ambiente em que atua com seus atletas. Fernandes (2003) afirma que, treinadores que facilitam a autonomia de seus atletas nutrem suas necessidades psicológicas básicas de autodeterminação, de competência e de segurança oferecendo oportunidades de escolhas e de feedback significativos, ou seja, professores que valorizam as ações dos alunos, tornam o ambiente informativo, encorajam-nos, e também não desprezam as suas tentativas, terão atletas que apresentam maiores níveis de motivação intrínseca e maior percepção de competência. Desta forma, professores que não informam das competências e incentivam influenciam negativamente na motivação intrínseca dos atletas, pois os indivíduos se sentem altamente motivados quando são valorizadas e competentes para executar determinadas tarefas. A partir da conduta do treinador, os atletas são influenciando a um clima de orientação para a maestria e ou um clima de orientação para o rendimento.

2.3.2 Clima Motivacional

Clima motivacional refere-se ao meio social em que o atleta está inserido e das influências do meio na determinação do clima de orientação (Goulart, 2007). No clima motivacional é importante a influência da cultura na qual o jogador está inserido, pois é um elemento determinante das orientações para metas.

Para Nicholls (1989), a escolha das orientações de metas e as diferenças pessoais estão relacionadas na disposição das experiências sociais vivenciadas em um determinado contexto. Desta forma, as interações sociais, a influência da família, dos treinadores e de todas as pessoas envolvida nesse meio tem significativa participação na escolha das orientações às metas. Estas interações direcionam o indivíduo em um clima motivacional orientado para o rendimento ou para a maestria, ou seja, orientada pela percepção dos atletas com influências do meio social ou pelo desejo de auto-superação, respectivamente.

Assim, o clima motivacional apresenta dois construtos principais: 1) clima de orientação ao rendimento e 2) clima de orientação a maestria. Estas duas metas de orientação podem definir o clima motivacional estabelecido pelo indivíduo, relacionando com a maneira que ele julga seu nível de competência e de habilidade.

De acordo com Duda (1992), indivíduos orientados para a maestria estão preocupados com a aprendizagem e com o domínio das tarefas, ou seja, são caracterizados por estabelecerem metas apropriadas às suas capacidades, por acreditarem no seu esforço e por serem otimistas. Para Hirota et al (2006), a orientação para a maestria se dá com o sentimento de sucesso na realização de uma atividade que depende de si mesmo, não se preocupando com o resultado e com comparações, e entendendo o erro como algo que faz parte do aprendizado. Indivíduos com um envolvimento do tipo maestria tendem a apresentar maior motivação intrínseca, desta forma podemos dizer que são mais autodeterminados na execução de atividades.

Já os indivíduos que possuem orientação para o rendimento apresentam-se motivadas por fatores externos, também mostram-se preocupados com comparação de suas capacidades e habilidades com as dos outros sujeitos (DUDA, 1992). Para estes, o que importa é o resultado, o status e o reconhecimento dos outros, assim são mais propícios ao fracasso, pois estão preocupados e visam apenas os fatores externos. Hirota et al (2006) os define como sendo menos autodeterminados.

Epstein (1989) propôs para o contexto esportivo uma estrutura de clima motivacional denominada TARGET, que em inglês tem o significado de alvo, meta. Esta apresenta seis dimensões de acordo com as cada letra, aonde consistem em estruturas do ambiente de aprendizagem. Juntas elas definem o clima motivacional orientado para o rendimento ou para a maestria. Estas seis estruturas, segundo Epstein (1989), devem ser consideradas para nortear as instruções e também a administrar das situações de aprendizagem, pois auxiliam o treinador a aperfeiçoar a influência desses fatores na motivação dos atletas e na obtenção de melhores rendimentos. O TARGET é dividido em: Task (tarefa), Authority (autoridade), Recognition ou Reward (reconhecimento), Grouping (grupo ou agrupamento), Evaluation (avaliação) e Timing (tempo).

- ✓ **Task** (tarefa): o elemento fundamental no esporte é o delineamento da tarefa, ou seja, a organização do número adequado de repetições, as séries de exercícios e o processo de aprendizagem da habilidade (GOULART, 2007). A dimensão da tarefa inclui a diversidade, desafios e controle, havendo como resultado a satisfação do sujeito na execução dos exercícios.
- ✓ **Authority** (autoridade): é definida como o comprometimento do treinador diante a tomada de decisão dos atletas, desta forma, o técnico deve ficar atento na escolha do atleta, em tarefas mais fáceis ou mais difíceis em relação ao nível técnico que ele se encontra (GOULART, 2007).
- ✓ **Recognition ou Reward** (reconhecimento): é representada pela recompensa e incentivos dados ao indivíduo pelo alcance de um objetivo, estes não devem ser dados de forma pública para evitar um clima de comparação, e sim um feedback positivo.
- ✓ **Grouping** (grupo): é a forma de interação social entre os pertencentes de um grupo. As interações sociais são positivas quando os atletas se sentem mais motivados e interessados no grupo, já a amotivação e a repugnância ao grupo são interações sociais negativas.
- ✓ **Evaluation** (avaliação): através da avaliação a motivação do atleta pode ser aumentada ou não. Quando ela é feita por meio de auto-referências, voltada para um processo individualizado, pode gerar um clima de maestria, já a avaliação feita pelo treinador com comparações sociais pode gerar um clima ao rendimento.

- ✓ **Timing** (tempo): segundo Goulart (2007) refere-se ao tempo adequado para a realização de cada exercício, bem como fazer as correções necessárias, demonstrações de gestos e fazer intervenções positivas durante as atividades.

Goulart (2007) mostra um quadro onde descreve uma estrutura proposta por Epstein (1989), reformulada para construtos da orientação ao ego e tarefa, por BIDDLE (2005). O quadro abaixo mostra e diferencia os dois tipos de orientações que podem ser encontradas de acordo com características motivacionais de um atleta.

Quadro 1
Descrição das estruturas de alto nível de clima motivacional orientado ao ego e à tarefa adaptado de Biddle (2005)

	Tarefas	Autoridade	Reconhecimento	Grupo	Avaliação	Tempo
Orientação à tarefa (maestria)	Desafio diversidade na execução de tarefas	Participação nas escolhas e papéis de liderança dos atletas	Baseado na melhora individual	Aprendizado baseado na cooperação e promoção de interação do grupo	Maestria da tarefa e melhora individual	Ajuste nas habilidades pessoais
Orientação ao ego (rendimento)	Ausência de variedade e desafios na elaboração de tarefas	Não participação na tomada de decisões	Baseado na comparação com outros atletas	Formação da equipe baseado nas capacidades motoras	Baseado em vencer ou ter um desempenho superior aos outros	Aprendizado uniforme para todos os atletas

2.4 TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO

A Teoria da Autodeterminação desenvolvida por Deci e Ryan (1985), vem sendo aplicada nas últimas três décadas aos mais diversos contextos (educação, saúde, religião, política, trabalho, família). Ela surgiu a partir de quatro teorias, são elas: 1) Teoria da Avaliação Cognitiva que explica como reguladores externos

podem auxiliar ou não a motivação intrínseca; 2) Teoria da Integração Orgânica, que sugeri que os processos motivacionais extrínsecos podem ser internalizados, podendo ocasionar uma motivação autoregulada; 3) Teoria das Orientações de Causalidade que faz referência a influência das orientações duradouras de personalidade sobre a qualidade motivacional dos indivíduos; d) Teoria das Necessidades Básicas que fundamenta as necessidades de relacionar-se, de autonomia e de competência como três necessidades psicológicas fundamentais para o desenvolvimento da motivação intrínseca (REEVE; DECI; RYAN, 2004). Conforme Carratalá (2004) a teoria da autodeterminação é uma macro teoria da motivação humana que incorpora estudos do desenvolvimento e funcionamento de personalidade dentro de um ambiente e objetiva determinar até que ponto o comportamento humano é autodeterminado, ou seja, verifica até que ponto os indivíduos realizam as suas ações por vontade própria.

Ela tem o objetivo de compreender a motivação humana, baseando-se na concepção de que ela está relacionada ao fato de que os indivíduos são movidos por interesses próprios relacionados a alguma atividade. Nesse contexto, surge o porquê de querer realizar algo, como por prazer e pela vontade de desempenhar uma tarefa por estar intrinsecamente motivado e também por consequência ou devido a outras variáveis envolvidas, na situação de estar extrínseco motivado (SOBRAL, 2003).

Segundo Deci e Ryan (2000), são propostas pela Teoria da Autodeterminação três necessidades psicológicas no esporte que determinam o comportamento humano, são elas: autonomia, competência e relacionamento. A satisfação das três é considerada essencial para um ótimo desenvolvimento e saúde psicológica. Ainda segundo a essa teoria, a motivação de um indivíduo apresenta-se em três construtos que são a Motivação Intrínseca, a Motivação Extrínseca e Amotivação.

2.4.1 Satisfação de Necessidades Psicológicas

Objetivando compreender a energia e a direção do comportamento motivado, a Teoria da Autodeterminação propõe a existência de algumas necessidades psicológicas básicas e inatas que movem os seres humanos, sendo definidas como os nutrientes necessários para um relacionamento efetivo e saudável destes com seu ambiente (GUZMÁN; LUCKWU, 2008).

Deci e Ryan (2000) propõem que o comportamento humano é determinado por três necessidades psicológicas primárias e universais, são elas: autonomia, competência e relacionamento. A satisfação das três necessidades está diretamente relacionada na saúde psicológica, ela é considerada essencial para o crescimento psicológico, integridade e bem estar do ser humano.

2.4.1.1 Necessidade de Autonomia

A autonomia, segundo o dicionário da língua portuguesa Ferreira (1999) é a faculdade de se governar por si mesmo.

A autonomia ou comportamento autodeterminado na perspectiva da Teoria da Autodeterminação é uma necessidade considerada inata, de perceber-se como origem das próprias ações e o sentimento de ser responsável por iniciar e desenvolver o próprio comportamento, não por imposição ou controle externo com os quais não se identifica (FERREIRA, 2010, p. 72).

O conceito para a Teoria da Autodeterminação está relacionado ao desejo do organismo se organizar e realizar ações, como também determinar o comportamento de acordo com sua vontade própria. Segundo Ryan e Deci (2006) a autonomia caracteriza um indivíduo que age pelo autogoverno, as regras para ação são estabelecidas pelo locus interno de causa, enquanto que na heteronomia as pessoas são reguladas por forças e pressões externas. Deci e Ryan (2000) afirmam que a percepção das pessoas sentirem-se autônomas, possibilita a experiência da autonomia, da melhoria na qualidade do funcionamento e do envolvimento em atividades, tornando mais acentuada a motivação intrínseca. Desta forma, o papel da percepção de autonomia pode funcionar como um mediador da motivação intrínseca.

2.4.1.2 Necessidade de Competência

A competência é uma necessidade fundamental para o desenvolvimento humano, é uma tendência natural que proporcionam o bem estar e a realizar as ações com maestria. Nela o ser é ativo, voltando-se para novos desafios apresentados no ambiente e pelo desejo de realizá-los satisfatoriamente. Deci e Ryan (1985) acrescentam que o desejo do indivíduo para a eficiência é semelhante

ao desejo de perceber a própria competência. Desta forma, a percepção de competência, está relacionada na relação no próprio desenvolvimento e crescimento, como também na interação com o ambiente.

A competência refere-se na capacidade do indivíduo ser apto a realizar determinada atividade interagindo satisfatoriamente com o seu meio. Mas, para que isto ocorra faz-se necessário que os organismos aprendam e desenvolvam as capacidades exigidas por tal meio. Sendo assim, a experiência de realizar atividades desafiadoras, aumentaria a competência do indivíduo, trazendo sentimentos positivas, ou seja, sensações de eficácia (WHITE, 1975). Segundo Ryan e Deci (2000), a competência não é aquisição de habilidades ou capacidades, é mais do que isso, é o sentimento relativo ao senso de confiança e de eficácia em relação à tarefa realizada. A percepção da competência demonstram um feedback positivo, permitindo florescer a motivação intrínseca.

2.4.1.3 Necessidade de Relacionamento

A necessidade de relacionamento é de suma importância, em função das pessoas serem altamente motivadas pelo reconhecimento dos outros. O relacionamento refere-se à capacidade de estabelecer relações com outras pessoas de forma eficiente. Baumeister e Leary (1995) a definem como uma necessidade universal, aplicável a uma ampla variedade de ocasiões. Pois, todas as pessoas necessitam estabelecer e manter, mesmo que poucos, relacionamentos interpessoais positivos, estáveis e significativos. O autor ainda afirma que, os relacionamentos estabelecidos de formas estáveis geram sentimentos de segurança, de cuidados e carinho são relações interpessoais na qual o vínculo emocional ao outro se torna significativo e importante para o desenvolvimento global do indivíduo.

A necessidade de relacionar-se organiza as emoções e a cognição, problemas de saúde psicológica e física são mais frequentes em pessoas que perdem ou são privados de relações sociais significativas (BAUMEISTER; LEARY, 1995). O relacionamento ocorre com todas as pessoas, ao longo da vida, e um comportamento intrinsecamente motivado tem mais chance de ocorrer em um ambiente que garanta um sentimento de segurança e interação.

2.4.2 Classificação da Motivação

Dentro da Teoria da Autodeterminação Deci e Ryan (1985) a motivação divide-se em três construtos, são elas: a motivação intrínseca que é gerada por fatores internos à pessoa, ou seja, interesse próprio em desempenhar alguma atividade, a motivação extrínseca fruto da ação do ambiente, e a amotivação que compreende na ausência de ambas as motivações.

2.4.2.1 Motivação Intrínseca (MI)

A motivação intrínseca refere-se à busca do prazer e da satisfação na prática desportiva, ou seja, gerada por fatores internos, por diversão e satisfação à pessoa, resultando na sua própria realização. Guzmán e Luckwu (2008) afirmam que o sujeito intrinsecamente motivado compromete-se com uma atividade pela satisfação experimentada no momento em que aprende e tenta a prática. Por exemplo, o atleta motivado intrinsecamente faz a atividade porque considera-a envolvente, interessante e divertida, gerando um sentimento de satisfação e auto-superação. A motivação intrínseca desempenha um papel essencial no crescimento, na integridade psicológica e na coesão social, pois é um exercício das próprias capacidades através da busca pelo novo e pelo sentimento de realização.

Fernandes e Vasconcelos - Raposo (2004), em seus estudos comprovaram que o divertimento, o prazer, o desafio e experiências espontâneas eram as causas principais que levavam os jovens a praticar alguma modalidade esportiva. Desta forma, motivação intrínseca torna-se um ponto chave da prática desportiva e no desenvolvimento de um indivíduo no esporte, como também em sua vida externa.

Existem três tipos da Motivação Intrínseca segundo Vallerand, Deci e Ryan (1987): motivação intrínseca de conhecimento, motivação intrínseca de realização e motivação intrínseca de estimulação.

- ✓ **MI de Conhecimento:** refere-se ao comprometimento do indivíduo na participação de determinadas atividades, pela satisfação de aprendizagem e entendimento de algo novo. Aplicando esta classificação ao contexto do esporte, podemos dizer que um praticante que apresenta motivação

intrínseca de conhecimento quando diz: “Faço voleibol pelo prazer de descobrir novas técnicas e estratégicas”.

- ✓ **MI de Realização:** está relacionada no comportamento do sujeito em realizar algo e sentir-se satisfeito pelo cumprimento de uma tarefa e pelo alcance do seu resultado. Aplicando esta classificação ao contexto do esporte, podemos dizer que um praticante que apresenta motivação intrínseca de realização quando diz: “Treino voleibol porque me sinto satisfeito quando experimento movimentos difíceis e aperfeiçoar minhas habilidades”.
- ✓ **MI de Estimulação:** refere-se na busca de experimentar novas sensações, objetivando a realização de tarefas diferentes do que faz no cotidiano. Aplicando esta classificação ao contexto do esporte, podemos dizer que um praticante está motivado intrinsecamente por estimulação quando diz: “Gosto de praticar voleibol pelas emoções que experimento quando estou jogando”.

2.4.2.2 Motivação Extrínseca (ME)

A motivação extrínseca é fruto da ação do ambiente, nela o atleta visa os benefícios externos, pois os indivíduos que apresentam esse tipo de motivação usam a atividade esportiva para conseguir uma recompensa externa, como por exemplo, a premiação, elogios e o reconhecimento dos outros. Desta forma, a motivação extrínseca é totalmente ao contrário da motivação intrínseca, pois o sujeito não realiza mais a atividade pelo prazer e superação, mas sim pela obtenção de ganhos externos e suas atitudes e comportamentos são influenciados pelo meio. Esse fato sugere que caso não existisse estas recompensas ou pressões, a motivação iria diminuir em função da ausência de qualquer interesse intrínseco. (BIDDLE; CHATZISARANTIS; HAGGER, 2001).

Ademais, segundo Vallerand, Deci e Ryan (1987) a motivação extrínseca é dividida em motivação extrínseca de regulação externa, motivação extrínseca de regulação introjetada e motivação extrínseca de regulação identificada.

- ✓ **ME de Regulação externa:** nela o sujeito realiza uma ação para satisfazer exigências externas, ou seja, dirigidas para um fim, ou obtenção de recompensas ou evitar punições. É a forma mais controlada (menos autodeterminada) de regulação do comportamento. Aplicando esta regulação

ao contexto do exercício, podemos dizer que um praticante está externamente motivado quando diz: “Eu só faço voleibol porque sou um bom atleta e posso ganhar prêmios”.

- ✓ **ME de Regulação Introjetada:** o indivíduo sente-se pressionado e executa determinada tarefa por influências externas para evitar sentimentos de culpa e/ou ansiedade. Implica na regulação do comportamento pela não aceitação ou por não acreditar em si próprio, mas ela não é totalmente autodeterminada. Aplicando esta regulação ao contexto do esporte, podemos dizer que um praticante está com motivação introjetada quando diz: “Eu tenho que ir para a aula de voleibol porque tenho que praticar um esporte regularmente, caso contrário vou sentir-me culpado”.
- ✓ **ME de Regulação Identificada:** O indivíduo faz uma avaliação, um julgamento da atividade, de seus benefícios e decide se vai realizá-la ou não, ou seja, acontece quando a pessoa percebe a importância da atividade na intenção de obter benefícios próprios. Embora ainda mantenha uma natureza extrínseca, ela representa uma proximidade maior com a motivação intrínseca, pois o comportamento se torna mais autodeterminado. Aplicando esta regulação ao contexto do esporte, podemos dizer que um praticante está com motivação identificada quando diz: “Apesar de não gostar muito, faço voleibol porque é uma atividade física, e é importante fazê-lo porque traz vantagens e benefícios para a minha saúde”.

2.4.2.3 Amotivação

Amotivação acontece quando os indivíduos carecem de intenção e vontade de desempenhar uma determinada tarefa. Muitas vezes são ocasionadas de sentimentos de incompetência e falta de habilidade, acarretando em decisões relativas ao abandono. A amotivação refere-se à ausência da motivação, nela o indivíduo nem realiza e nem tem interesse em executar determinada atividade. Não se consideram intrinsecamente ou extrinsecamente motivados (DECI; RYAN, 1985). Desta forma, tanto a motivação intrínseca e motivação extrínseca representem diferentes graus de vontade em realizar algo, já a amotivação representa na ausência de ambas.

Ainda segundo o autor, a amotivação pode ser classificada em: amotivação relacionada à crença das suas capacidades e habilidades, amotivação relacionada a estratégias, amotivação relacionadas à sua capacidade e seus esforços e por fim na crença de impotência.

- ✓ **Amotivação relacionada à crença das suas capacidades e habilidades:** os sujeitos não apresentam habilidades suficientes para o desenvolvimento de uma determinada atividade e com isso sentem-se amotivados.
- ✓ **Amotivação relacionada a estratégias:** compreende no resultado de uma condenação do indivíduo à estratégia proposta que ineficazes para uma finalidade específica.
- ✓ **Amotivação relacionadas à sua capacidade e seus esforços:** os sujeitos consideram que atividades exigem muito deles, os quais não estão dispostos a dedicar os seus esforços suficientes para o comprometimento com tal atividade.
- ✓ **A crença de impotência:** o indivíduo considera que seus esforços não são proveitosos no andamento das atividades estabelecidas.

2.4.3 Continuum de Autodeterminação da Motivação

As necessidades psicológicas básicas irão determinar a regulação do comportamento do sujeito. Para Deci e Ryan (2000) a motivação pode ser caracterizada de uma forma global, que assenta num continuum motivacional, aonde ela é classificada em graus de autodeterminação, oscilando entre formas menos e mais autodeterminadas, ou seja, motivação intrínseca, motivação extrínseca e amotivação.

Em um dos extremos está à classificação de menos grau de autodeterminação, que é amotivação, ou seja, a ausência de motivação que seria quando o aluno perde toda e qualquer intenção de praticar alguma ação, não acreditando em sua importância ou recompensa, externa ou interna. Posteriormente se inicia os níveis de motivação extrínseca que são: regulação externa, regulação introjetada e regulação identificada, que são fundamentadas nas influências do meio externo. Já no outro extremo está à motivação intrínseca (conhecimento, realização e estimulação) que como já foi dito é aquela em que o indivíduo realiza uma

atividade por prazer e satisfação própria. No âmbito esportivo, estudos apontam que quando os resultados da motivação são mais autodeterminados apresentam relações com conseqüências positivas (aderência, orientação a maestria, prazer) e quando são menos autodeterminados relacionam-se com as conseqüências negativas (aflição, agressividade, abandono).

O continuum de motivação é classificado dependendo do seu grau de autonomia, ou seja, grau de autodeterminação, que vai aumentando da amotivação até chegar ao seu grau mais elevado, que corresponde à motivação intrínseca. Podemos perceber isto na figura abaixo através da seta indicando os graus menos e mais autodeterminados.

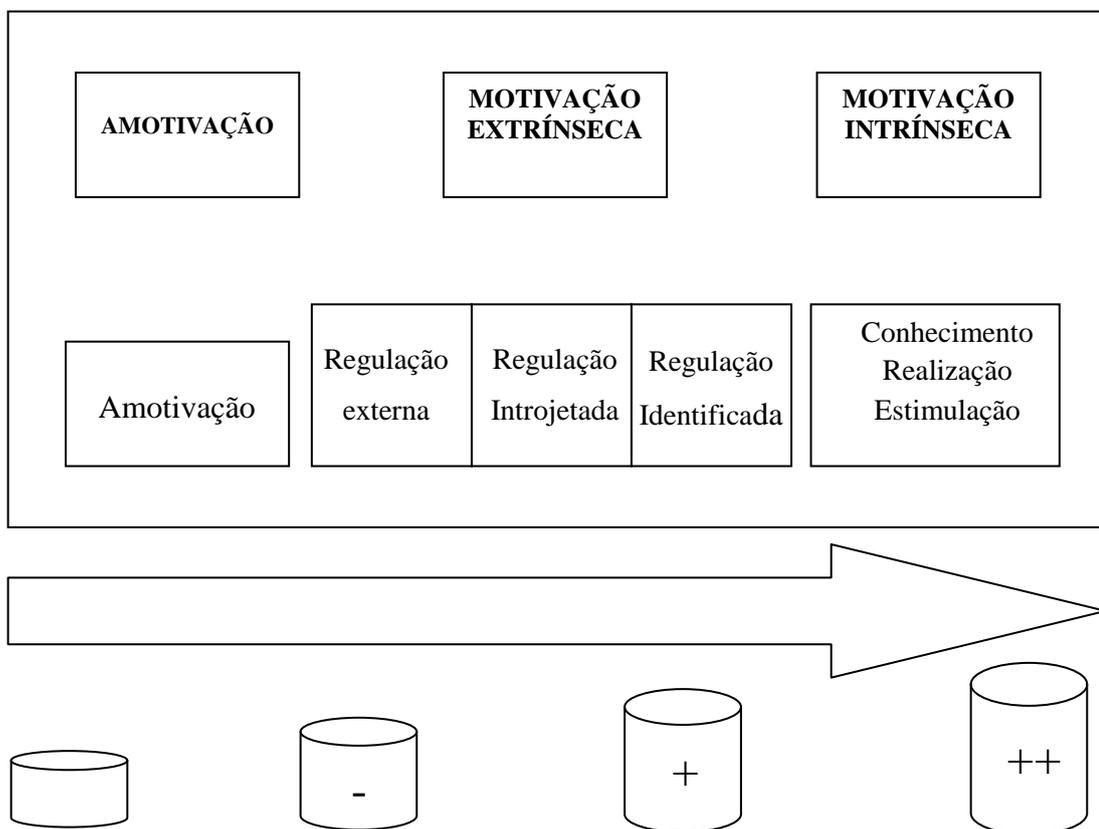


Figura 1
Continuum de autodeterminação nos diferentes tipos de motivação (Adaptado de GUZMÁN e LUCKWU, 2008).

2.4.4 Modelo Hierárquico de Motivação Intrínseca e Extrínseca (MHMI)

Considerando os princípios fundamentais da teoria da autodeterminação Vallerand (1997) propôs um Modelo Hierárquico de Motivação Intrínseca e Extrínseca, o qual facilita a compreensão em relação ao desempenho e a aderência ou abandono dos atletas no esporte. O modelo hierárquico recomenda que apenas o termo motivação não é apropriado para descrever o estado emocional de uma pessoa, pois é indispensável fazer referência a um conjunto de motivações em todos os seus tipos, variações e níveis de generalidade.

O modelo considera que a motivação, as suas determinantes, os mediadores psicológicos e as conseqüências comportamentais definem-se em três níveis, são eles: nível global (personalidade), contextual (vida cotidiana) e situacional (estado). 1) Nível global: é semelhante ao traço de personalidade e engloba o modo como o indivíduo interage (motivado intrínseca, extrínseca ou amotivada) com o meio envolvente; 2) Nível contextual: representa uma disposição motivacional estável que um indivíduo adota diante um contexto específico; 3) Nível situacional: refere-se à motivação que um indivíduo sente quando realiza uma atividade específica (FERNANDES, 2003 apud STANDAGE et al, 2003).

Para melhor analisar e compreender do MHMI é necessário considerar os elementos fundamentais que o compõe:

- ✓ A motivação resulta da relação dos fatores sociais, que agem na percepção dos mediadores psicológicos (autonomia, competência e relacionamento).
- ✓ As percepções dos mediadores psicológicos atuam e direcionam o tipo de motivação.
- ✓ Deve-se considerar a existência de três níveis de motivação: global, contextual e situacional.
- ✓ Entender as divisões da motivação: motivação intrínseca, motivação extrínseca e amotivação.
- ✓ A motivação produz uma série de conseqüências que podem ser cognitivas, afetivas ou de conduta (VALLERAND,1997).

É importante considerar que as conseqüências são positivas ocorrem em contextos de motivação intrínseca, já as conseqüências negativas seriam

decorrentes da amotivação, bem como proveniente da motivação extrínseca. Estes processos ocorrem em ambos os níveis de motivação.

Em suma, o modelo define que os diferentes tipos motivacionais são influenciados por fatores sociais, que são exercidos através da satisfação das necessidades psicológicas básicas, resultando em consequências de caráter cognitivo, afetivo e comportamental. Todos os elementos e características do modelo hierárquico comentadas podem ser analisados através da figura 2.

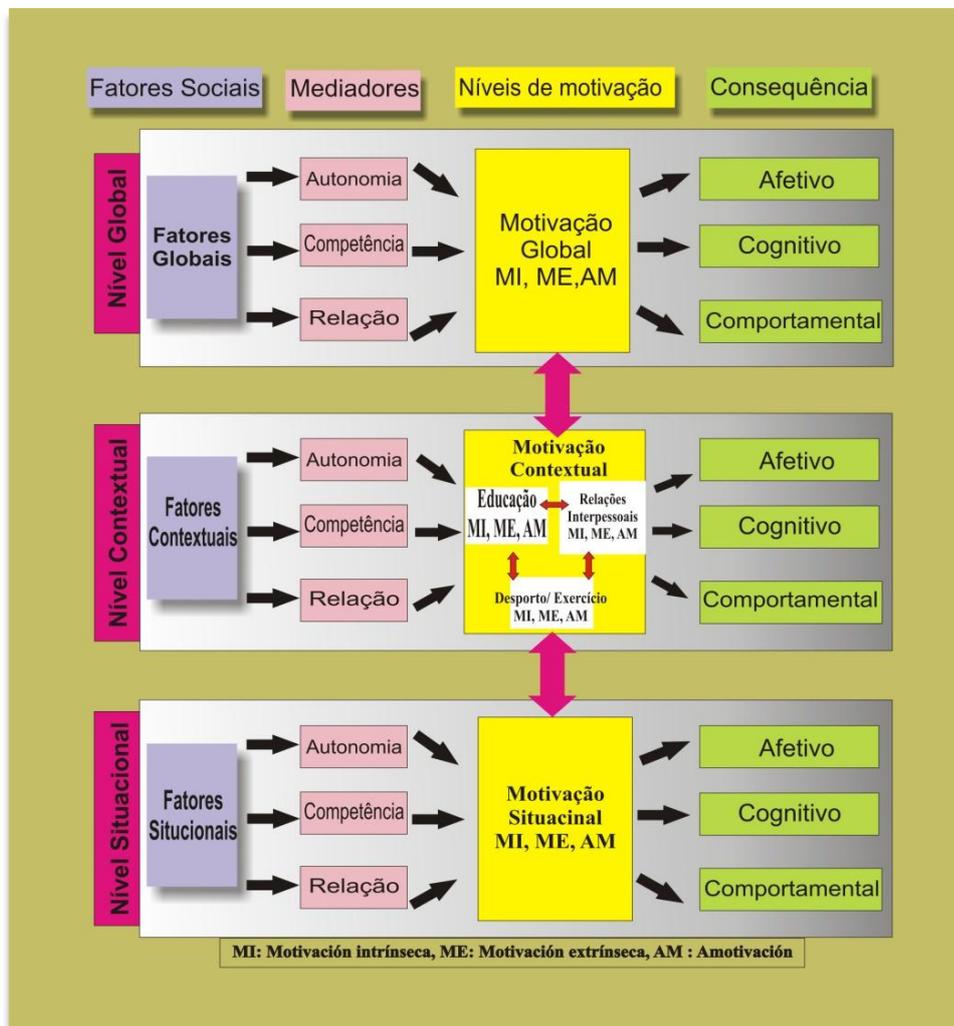


Figura 2
Modelo Hierárquico da Motivação (Adaptado de GUZMÁN e LUCKWU, 2008)

2.5 ESTUDOS RELACIONADOS

2.5.1 Mediadores Psicológicos e Motivação Desportiva em Judocas Espanhóis (GUZMÁN, J. F. e CARRATALÁ, V., 2006)

Um estudo similar obteve uma amostra de 181 jovens atletas de judô de uma equipe nacional e nacional cadete espanhola, de ambos os sexos sendo 100 meninos e 61 meninas, com uma faixa etária de 14 a 16 anos. O objetivo do estudo de Guzmán e Carratalá (2006) foi explorar a literatura já existente, analisando os diferentes tipos de motivação em situações esportivas pré-competitivas de judocas, em função das percepções de competência, autonomia e relações sociais.

A pesquisa teve como fundamentação teórica o Modelo Hierárquico de Motivação Intrínseca e Extrínseca proposto por Vallerand (Vallerand, 1997, 2001; Vallerand; Losier, 1999), o qual funciona como instrumento que auxilia na organização e na compreensão dos mecanismos básicos que regulam a motivação no âmbito esportivo. Para análise foram utilizadas as seguintes variáveis: percepção de competência, autonomia e relações sociais, bem como, os diferentes tipos de motivação proposto pelo Modelo Hierárquico de Motivação Intrínseca e Extrínseca. Os instrumentos utilizados foram traduzidos e adaptados para o contexto espanhol, foram aplicados quatro questionários para a coleta de dados da pesquisa, são eles: 1) **EPCDV** - Percepção de Competência na Prática Desportiva (Losier; Vallerand; Blais, 1993); 2) **EPADV** - Percepção de Autonomia na Prática Desportiva (Blais; Vallerand, 1992); 3) **ERIS** - Percepção de Relações Sociais na Prática Desportiva (Losier; Vallerand, 1995); 4) **SMS** - Escala de Motivação Desportiva (Pelletier et al,1995).

Os resultados do estudo verificaram as diferenças entre as motivações intrínsecas em função da percepção das necessidades psicológicas de competência, autonomia e relações sociais. Como também, constatou as diferenças entre motivação extrínseca autodeterminada em função das necessidades psicológicas, havendo alterações em comparação a motivação intrínseca. Por ultimo se verificou que a amotivação é significativa em função da percepção de competência. A motivação extrínseca de regulação externa relacionada com a percepção de relações sociais apresentou maiores níveis, se opondo aos pressupostos da teoria,

mas este fato se explica por se tratar da situação pré-competitiva que apresentaram-se os atletas.

2.5.2 Desportividade no Handebol: uma análise desde a Teoria da Autodeterminação (LUCKWU, R. M. e GUZMÁN, J. F., 2011)

Um estudo realizado por Luckwu e Guzmán (2011) obteve uma amostra composta por 302 atletas espanhóis de handebol de ambos os gêneros, sendo 154 meninos e 148 meninas, apresentando um tempo de prática de pelo menos um ano e com idade compreendidas entre 14 e 16 anos. Os participantes pertenciam à equipe espanhola da categoria cadete nacional. A pesquisa teve como objetivo analisar um modelo explicativo da percepção que o atletas têm sobre o comportamento desportivo a partir da sequência causal proposta pela teoria da autodeterminação (VALLERAND, 1997, 2001). O estudo tem como fundamentação teórica a Teoria da Autodeterminação, a qual pressupõe que uma motivação autodeterminada ocasiona em consequências positivas cognitivas, afetivas e na conduta da vida de um indivíduo.

As variáveis consideradas nesse estudo foram: o clima motivacional percebido pelos atletas em situações de treinamento, a satisfação das necessidades psicológicas no esporte, motivação no esporte, o índice de autodeterminação motivacional e percepção orientação de conduta presente na desportividade. Os instrumentos utilizados foram os questionários **PMCsQ** (Perception of Motivational Climate Sport Questionnaire) e a **SMS** (Escala de percepción del clima motivacional) elaborada por Biddle et al. (1995), adaptada ao contexto esportivo e traduzida por Carratalá (2004).

Os resultados do estudo verificaram um modelo preditivo da percepção de desportividade em jovens atletas baseando-se na teoria da autodeterminação, que articula a percepção do clima motivacional na percepção da satisfação das necessidades psicológicas e na motivação autodeterminada. Este modelo tem um valor prático, uma vez que pode ser tomado como ponto de partida para abordagens educativas no mundo da iniciação esportiva. Desta forma, a motivação e relações propostas pela teoria da autodeterminação poderiam ser considerados relevantes na escolha e planejamento de métodos de ensino e no desenvolvimento educacional para crianças e adolescentes.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa é caracterizada como descritiva correlacional, em que o pesquisador analisa os dados coletados, comparando e descrevendo detalhadamente os fatos sem manipulá-los, apenas interpretando-os (THOMAS; NELSON, 2002).

A pesquisa possui também um caráter quantitativo, nela:

considera-se que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.) (SILVA, 2001, p. 20).

Com isso, há uma ênfase nos indicadores numéricos e percentuais, bem como apresentação de resultados com a utilização de gráficos e tabelas comparativas sobre determinado fenômeno pesquisado.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população desse estudo foi composta por jovens atletas, de ambos os sexos, da modalidade voleibol da cidade de João Pessoa- PB. A seleção da amostra foi de modo voluntário probabilístico, atendendo os critérios de inclusão. A quantidade da amostra foi de 123 atletas, de oito equipes, sendo seis escolas e dois clubes da cidade. Participaram da amostra os atletas que estavam regularmente matriculados, nas escolas ou clubes, frequentavam os treinos por um tempo mínimo dois meses e no máximo doze meses. Os mesmos apresentavam-se com a faixa etária entre 11 e 17 anos, com média de idade de 13.43 anos (DP = 1.55).

3.3 VARIÁVEIS E INSTRUMENTOS

As variáveis investigadas neste estudo foram à percepção de clima motivacional (clima de rendimento e maestria) a percepção da satisfação das necessidades psicológicas básicas no esporte (autonomia, competência e relacionamento) e os níveis de motivação (intrínseca e extrínseca) de atletas de voleibol, bem como o gênero, a idade, o tempo de prática e o local de treino. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram três questionários fechados já validados e aceitos pela comunidade científica.

O primeiro questionário foi o **PMCSQ** (Perception of Motivational Climate Sport Questionnaire) elaborado por Biddle et al (1995), o qual foi traduzido, adaptado e validado para o contexto brasileiro por Benck (2006) como **PMCSQ-2**. O instrumento tem como finalidade medir o clima motivacional no meio esportivo, direcionando a percepção para um clima de maestria ou para o rendimento. O mesmo possui 33 itens, respondido entre uma escala de likert de 1 a 5, da seguinte forma: discordo totalmente, discordo, nem discordo nem concordo, concordo e concordo totalmente. Neste primeiro questionário, o atleta escolheu a escala que mais se **identifique** com a afirmação: “No nosso grupo...”. Exemplo de questões do **PMCSQ-2**: 1) Orientação para a maestria: “... o objetivo é melhorarmos a cada treino”; 2) Orientação para o rendimento: “... o técnico demonstra preferência por uns atletas em relação aos outros”.

O segundo questionário aplicado foi o **ESaNPd** (Escala de Satisfacción de Necesidades Psicológicas en el Deporte) elaborado por Guzman e Luckwu (2008), já traduzido e adaptado ao contexto brasileiro por ALBUQUERQUE, LUCKWU e MOURA (2010). O instrumento verifica a percepção dos mediadores psicológicos (autonomia, competência e relacionamento), possui 16 itens, em que cada item foi respondido em uma escala likert de 1 a 7, onde 1 significa: não representa em absoluto e a 7 significa: corresponde exatamente. O atleta se fundamentou na afirmação: “Em relação ao esporte que eu pratico, eu acredito que...”. Exemplo de questões do **EsaNPd**: 1) Autonomia: “...tenho a oportunidade de tomar decisões no meu esporte”; 2) Competência: “...tenho bom domínio do meu esporte”; 3) Relacionamento: “...tenho um bom relacionamento com colegas e treinador”.

Elaborado por Pelletier et al. (1995), o terceiro questionário utilizado foi o **SMS** (Sports Motivation Scale), este investiga a motivação em sete dimensões. A versão portuguesa foi traduzida e adaptada por Serpa, Alves e Barreiros (2004). Possui 28 questionamentos, baseado na afirmação: “Participo e me esforço no meu esporte...”, a escala utilizada é a de likert de 1 a 7, onde a escala 1 significa discordo totalmente e a 7 concordo totalmente. A avaliação da escala de motivação é fundamentada pela teoria da autodeterminação (Deci; Ryan, 1985), que é classificada de acordo com a escala em amotivação, motivação extrínseca de regulação externa, motivação extrínseca de regulação introjetada, motivação extrínseca de regulação identificada, motivação intrínseca de conhecimento, motivação intrínseca de execução e motivação intrínseca de estimulação. Exemplo de questão do SMS: Participo e me esforço no meu esporte “pelo prazer de saber mais sobre o esporte que pratico”.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O número de protocolo CEP/HULW foi 146/11, folha de rosto número 417152 e CAAE número 0707.0.000.126-11. Toda coleta foi realizada pelo pesquisador principal.

A coleta ocorreu de 02 a 13 de maio de 2011, em oito instituições de ensino, sendo seis escolas particulares que apresentavam escolinha de voleibol e dois clubes esportivos da cidade de João Pessoa.

Inicialmente o pesquisador entrou em contato com a direção e os professores das escolas, em que houve uma explanação sobre os objetivos, importância e procedimentos da pesquisa, solicitando a autorização da entidade, por meio de uma declaração (APÊNDICE B), na participação do estudo. Logo após, houve um contato inicial com a turma com a explicação do estudo e foi entregue e solicitado à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) pelos pais ou responsáveis pelos participantes do estudo. Os pais que estavam presentes no treino também foram esclarecidos sobre o objetivo do estudo, os que autorizaram a participação assinaram o termo. Já os que não estavam presentes, os

alunos levaram o termo para casa e trouxeram no encontro seguinte, que já ficou agendado. Após a autorização o estudo foi realizado.

3.4.1 Aplicação do Questionário

Após a autorização, houve um novo contato com turma no qual o pesquisador expôs novamente o objetivo do estudo, explicou que a participação é voluntária e anônima e orientou os atletas no preenchimento correto dos questionários. A coleta ocorreu antes do início do treino, por eles estarem mais concentrados e assim não afetar o preenchimento do questionário. O mesmo foi individual e foi aplicado em condições semelhantes para todos os participantes, sob a supervisão direta do pesquisador. Em nenhum caso, os atletas puderam levar o instrumento para casa e trazer respondido posteriormente.

3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente, os dados coletados foram tabulados em uma planilha estatística, a fim de verificar os resultados estatísticos descritivos, tais como: médias, desvio padrão, frequência, valores máximos e mínimos.

Utilizou-se o software PASW Statistics (antigo SPSS) na versão 18.0 para identificar a percepção do clima motivacional, a satisfação das necessidades psicológicas e os níveis de motivação autodeterminada dos participantes da amostra. Bem como, a análise correlacional bilateral de Pearson para identificar os níveis de relação bilateral entre as variáveis do estudo.

Também foi realizada uma análise dos coeficientes de consistência interna da escala. Considerou-se que um valor de α de Cronbach de no mínimo 0.70 deve ser encontrado para que um fator seja considerado fiável. Por fim, utilizamos o programa AMOS 18.0, do mesmo pacote estatístico referido acima, realizando uma análise do SEM (structural equation modeling), para verificar a capacidade preditiva das variáveis e a ação mediadora da satisfação das necessidades psicológicas,

considerando o nível de significância mínimo de $p \leq 0.05$ para os resultados serem aceitos.

4 RESULTADOS

4.1 ESTATÍSTICA DESCRITIVA

A amostra foi composta por 123 jovens atletas, apresentando uma idade mínima de 11 anos e máxima de 17 anos, tendo como média 13.43 anos (DP= 1.55). Com relação ao tempo de treino, a média da prática esportiva foi de 5.15 meses (DP= 3.77), dados estes que podem ser verificados na tabela 1.

Tabela 1
Idade e Tempo de treino

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Idade	123	11.00	17.00	13.43	1.55
Tempo de Treino	123	2.00	12.00	5.15	3.77

Participaram da amostra oito equipes entre seis escolas e dois clubes, a tabela 2 mostra a frequência apresentada por cada instituição. A equipe 5 apresentou a menor porcentagem com 8.1%. Já a equipe 7 teve o maior índice de participação com 17.1%.

Tabela 2
Frequência por Equipe

Equipe	Frequência	%	% válido	% acumulada
1	13	10.6	10.6	10.6
2	19	15.4	15.4	26.0
3	13	10.6	10.6	36.6
4	20	16.3	16.3	52.8
5	10	8.1	8.1	61.0
6	13	10.6	10.6	71.5
7	21	17.1	17.1	88.6
8	14	11.4	11.4	100.0
Total	123	100.0	100.0	

Percebe-se uma maior prevalência de jovens atletas do sexo feminino participantes no estudo, apresentando um alto índice de participação que chegou a 79.7% da composição da amostra. Tal afirmação pode ser evidenciada na tabela 3.

Tabela 3
Frequência por Gênero

	Frequência	%	% válido	% acumulada
1	25	20,3	20,3	20,3
2	98	79,7	79,7	100,0
Total	123	100,0	100,0	

Para calcular os resultados das variáveis que não estão descritas diretamente nos questionários, procedemos da seguinte forma:

- ✓ A variável Motivação Intrínseca foi calculada por meio da equação: (Motivação intrínseca de conhecimento + Motivação intrínseca de realização + Motivação intrínseca de estimulação) / 3.
- ✓ Para o cálculo da variável Motivação Extrínseca foi utilizada a equação: (Motivação extrínseca de regulação identificada + Motivação extrínseca de regulação introjetada + Motivação extrínseca de regulação externa) / 3.
- ✓ A equação utilizada para encontrar o cálculo do Índice de Autodeterminação foi: $IAD = ((\text{motivação intrínseca} \times 3) + (\text{motivação extrínseca de regulação introjetada} \times 2) + (\text{motivação extrínseca de regulação identificada}) + (\text{amotivação} \times -3) + (\text{motivação extrínseca de regulação externa} \times -2) + (\text{motivação extrínseca de regulação introjetada} \times -1)) / 6$ conforme sugerido por Vallerand (2001).
- ✓ Para o cálculo da variável Índice de Intensidade Motivacional foi utilizada a seguinte equação: $IIM = (\text{Motivação Intrínseca} + \text{Motivação Extrínseca}) - \text{Amotivação}$.

Na tabela 4, pode-se verificar os resultados da estatística descritiva por variável, como também a fiabilidade das escalas.

Tabela 4
Estatística descritivas e Fiabilidade das escalas

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	α de Cronbach
Clima Motivacional de Maestria	3.00	5.00	4.22	0.39	0.79
Clima Motivacional de Rendimento	1.00	4.31	2.23	0.64	0.86
Necessidade Psicológica de Competência	2.50	7.00	5.24	1.14	0.74
Necessidade Psicológica de Autonomia	2.25	7.00	5.43	1.13	0.64
Necessidade Psicológica de Relacionamento	1.75	7.00	5.44	1.18	0.72
Motivação Intrínseca de Realização	3.25	7.00	5.99	1.00	0.70
Motivação Intrínseca de Conhecimento	2.00	7.00	5.72	1.21	0.76
Motivação Intrínseca de Estimulação	2.75	7.00	5.77	1.14	0.78
Motivação Extrínseca de Regulação Introjetada	1.00	7.00	4.99	1.40	0.66
Motivação Extrínseca de Regulação Identificada	2.00	7.00	5.55	1.23	0.78
Motivação Extrínseca de Regulação Externa	1.75	7.00	3.90	1.29	0.59
Amotivação	1.00	6.50	2.30	1.17	0.52
Motivação Intrínseca	3.00	7.00	5.82	1.03	0.90
Motivação Extrínseca	2.00	6.75	4.81	1.07	0.75
Índice Intensidade Motivacional	3.00	12.50	8.33	2.29	0.82
Índice de Autodeterminação	-0.46	4.00	2.21	1.05	0.82

O resultado da amostra apresentou um nível alto para todos os níveis de motivação intrínseca, para o índice de autodeterminação, motivação extrínseca, exceto a motivação extrínseca de regulação externa com média moderada baixa ($M=3.90$), como também a amotivação com uma média moderada baixa ($M= 2.30$). Houve também um nível alto para a média da percepção do clima motivacional de maestria ($M= 4.22$), e um nível moderado baixo para o clima motivacional de rendimento ($M= 2.23$). A média da percepção satisfação das necessidades psicológicas também apresentaram-se em um índice moderada alto (autonomia $M= 5.43$, competência $M = 5.24$, relacionamento $M = 5.44$).

Os resultados da fiabilidade das escalas também estão apresentados na tabela 4. Na análise, encontra-se o valor alfa de cronbach $\alpha =0.79$ para a escala do clima motivacional de maestria e $\alpha =0.86$ para a escala de clima motivacional de rendimento. A variável da percepção da necessidade psicológica competência apresentou fiabilidade de $\alpha =0.74$, a de relacionamento obteve $\alpha = 0.72$ e já a autonomia apresentou uma fiabilidade moderada baixa com $\alpha =0.64$.

Em relação à fiabilidade da motivação intrínseca encontra-se um valor alto, com $\alpha = 0.90$. Dentre as variáveis da motivação intrínseca, a de estimulação apresentou maior valor com $\alpha =0.76$, apresentando fiabilidade adequada para as demais variáveis da Motivação Intrínseca. O valor de fiabilidade da motivação extrínseca foi de $\alpha= 0.75$. Dentre as variáveis desta, encontramos um valor de $\alpha=0.78$ para a motivação extrínseca de regulação identificada, já a motivação extrínseca de regulação introjetada e a motivação extrínseca de regulação externa apresentaram uma fiabilidade moderada baixa de $\alpha =0.66$ e $\alpha = 0.59$, respectivamente.

A variável amotivação obteve um valor de fiabilidade um moderado baixo de $\alpha = 0.52$, porém por se tratarem de variáveis importantes para o estudo e seus valores terem sido moderadamente aceitável, decidiu-se então não descartar seus valores. O índice de intensidade motivacional e o índice de autodeterminação apresentaram fiabilidade moderada alta, com $\alpha = 0.82$ para ambos.

4.2 ANÁLISE CORRELACIONAL

Na análise correlacional, estão evidenciados 34 casos de correlações significativas entre as variáveis, cabendo destacar a correlação negativa do clima motivacional de maestria com clima motivacional de rendimento (-0.16). Outro fato interessante é que tanto a motivação intrínseca, quanto a motivação extrínseca apresentam correlações positivas com o clima de maestria, entretanto em relação ao clima de rendimento e a motivação intrínseca foi encontrado um valor negativo (-0.19). Já em relação à motivação extrínseca, os valores foram positivos (0.02).

As variáveis da satisfação das necessidades psicológicas (autonomia, competência e relacionamento) possuem correlações positivas e significativas entre elas, bem como com o clima de maestria. Já com o clima de rendimento apresentam correlações negativas, confirmando os pressupostos da teoria da autodeterminação, em que quanto maior percepção o clima de motivação de mestria maior a satisfação das necessidades psicológicas e quanto maior a percepção do clima de motivação de rendimento, menor a satisfação das necessidades psicológicas. As motivações intrínsecas e extrínsecas apontam correlações positivas e significativas com as variáveis das necessidades psicológicas.

A variável amotivação relacionou-se negativamente com o clima motivacional de maestria (-0.16), com a motivação intrínseca (-0.17), a percepção das necessidades psicológicas (competência = -0.05, relacionamento = -0.12 e autonomia = -0.07), o índice de intensidade motivacional (-0.52) e índice de autodeterminação (-0.75), exceto com o clima de rendimento (0.18) e a motivação extrínseca (0.14). O índice de intensidade motivacional e o índice autodeterminação apresentaram valores positivos com todas as variáveis, com exceção do clima motivacional de rendimento e a amotivação.

Na tabela 5 pode-se verificar os resultados das correlações entre todas as variáveis.

4.3 ANÁLISE ESTRUTURAL

Para análise estrutural, foram idealizados dois modelos para verificação do poder preditivo do clima motivacional sobre a percepção da satisfação das necessidades psicológicas básicas, bem como a motivação autodeterminada e o índice de autodeterminação de jovens atletas de voleibol. Os modelos encontrados foram: Modelo 1: Clima Motivacional → Mediadores Psicológicos → Variáveis da Motivação; Modelo 2: Clima Motivacional → Mediadores Psicológicos → Índice de Autodeterminação.

Utiliza-se os Mediadores Psicológicos como variável latente, em ambos os modelos, para melhor identificar as relações entre as subescalas que a compõem.

4.3.1 Modelo do Clima Motivacional → Mediadores Psicológicos → Variáveis da Motivação

O modelo apresenta a influência dos fatores sociais (percepção de clima de maestria e clima de rendimento) sobre a percepção dos mediadores psicológicos e nas variáveis da motivação.

Como tema central deste estudo, nota-se mediante a figura 3 que o clima de maestria predisse positivamente na percepção da satisfação das necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e relacionamento social, e estas manifestam-se positivamente tanto com as motivações intrínsecas, quanto com as extrínsecas. Também, pode-se perceber que o clima voltado para o rendimento, influencia negativamente na satisfação da percepção dos mediadores psicológicos, bem como os mediadores psicológicos com a amotivação.

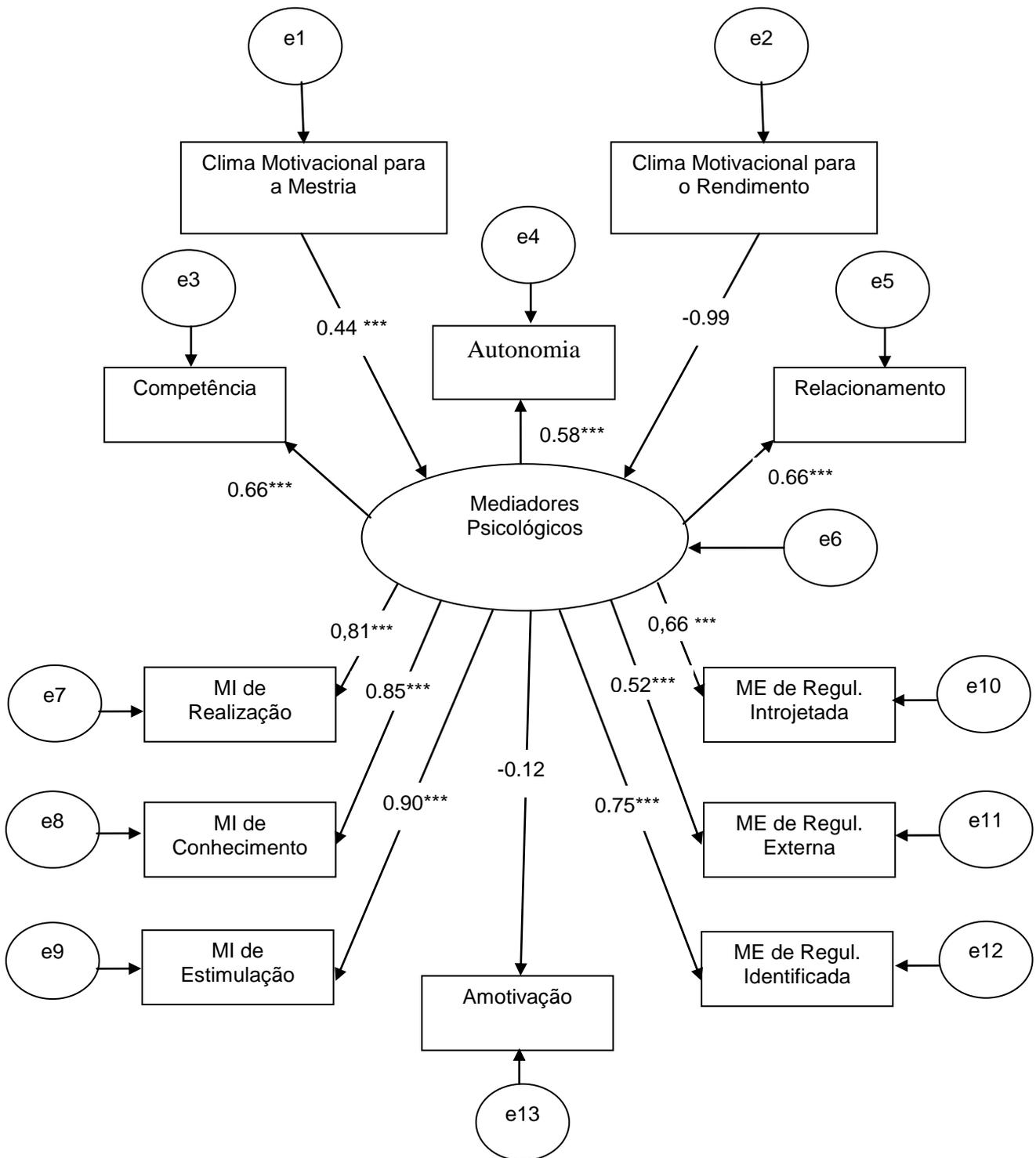


Figura 3

Modelo 1 - Clima Motivacional → Mediadores psicológicos → Variáveis da Motivação

Os índices de ajustes encontrados para o modelo foram aceitáveis: Normative Fit. Index (NFI) = 0.81, IFI = 0.88, Tucker-Lewis Index (TLI) = 0.82, Comparative Fit Index (CFI) = 0.87 e o Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) = 0.11.

Tabela 6
Coefficiente de Regressão e Nível de significância dos Mediadores Psicológicos e das variáveis da Motivação

Variável A		Variável B	β	p
Mediadores Psicológicos	←	Clima Motivacional para a Maestria	0.44	***
Mediadores Psicológicos	←	Clima Motivacional para o Rendimento	-0.99	0.25
Percepção de Autonomia	←	Mediadores Psicológicos	0.58	***
Percepção de Competência	←	Mediadores Psicológicos	0.66	***
Percepção de Relacionamento	←	Mediadores Psicológicos	0.66	***
MI de Realização	←	Mediadores Psicológicos	0.81	***
MI de Conhecimento	←	Mediadores Psicológicos	0.85	***
MI de Estimulação	←	Mediadores Psicológicos	0.90	***
ME de Regulação Introjeta	←	Mediadores Psicológicos	0.66	***
ME de Regulação Externa	←	Mediadores Psicológicos	0.52	***
ME de Regulação Identificada	←	Mediadores Psicológicos	0.75	***
Amotivação	←	Mediadores Psicológicos	-0.12	0.18

*(p<0,05) ** (p<0,01) *** (p<0,001)

Na tabela 6 estão representados os coeficientes de regressão (β) e os níveis de significância (p) encontrados no modelo. Pode-se perceber que os níveis de significância desta análise foram aceitáveis.

O coeficiente de regressão do clima de maestria predisse positivamente os mediadores psicológicos, entretanto o clima de rendimento manifestou-se

negativamente. Os resultados demonstraram que as variáveis relacionadas com a percepção dos mediadores psicológicos prevêm de formas significativas e positivas para as variáveis as necessidades psicológicas, da motivação intrínseca e extrínseca, com exceção da amotivação que obteve resultado negativo. Os resultados encontrados foram: as variáveis da percepção de autonomia ($\beta = 0.58$), percepção de competência ($\beta = 0.66$), percepção de relacionamento ($\beta = 0.66$), motivação intrínseca de realização ($\beta = 0.81$), motivação intrínseca de conhecimento ($\beta = 0.85$), motivação intrínseca de estimulação ($\beta = 0.90$), motivação extrínseca de regulação introjetada ($\beta = 0.66$), motivação extrínseca de regulação externa ($\beta = 0.52$), motivação extrínseca de regulação identificada ($\beta = 0.75$) e por último a amotivação ($\beta = -0.12$).

4.3.2 Modelo do Clima Motivacional → Mediadores Psicológicos → Índice de Autodeterminação

O modelo apresenta a influência da percepção dos climas motivacionais, sobre a percepção dos mediadores psicológicos e o índice de autodeterminação.

Com base da figura 4, percebe-se que o clima de rendimento influencia negativamente na percepção da satisfação das necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e relacionamento social, ao contrário do clima de maestria que predisse positivamente. A percepção dos mediadores psicológicos manifesta-se positivamente com o índice de autodeterminação.

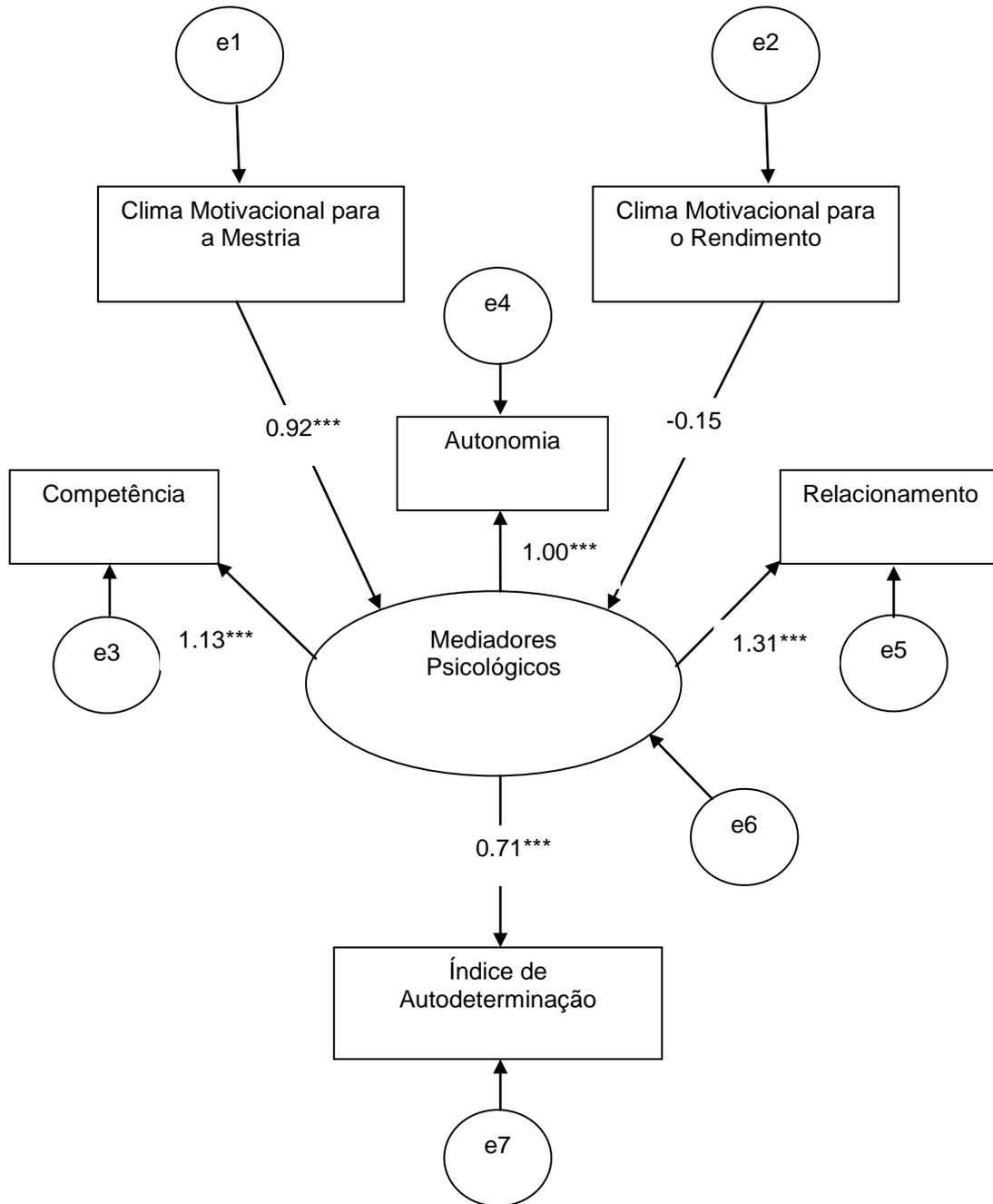


Figura 4

Modelo 2 - Clima Motivacional → Mediadores Psicológicos → Índice de Autodeterminação

Os índices de ajustes encontrados para o modelo foram aceitáveis: Normative Fit. Index (NFI) = 0.88, IFI = 0.92, Tucker-Lewis Index (TLI) = 0.82, Comparative Fit Index (CFI) = 0.92 e o Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) = 0.10.

Tabela 7
Coeficiente de Regressão e Nível de significância dos Mediadores Psicológicos e do Índice de Autodeterminação

Variável A		Variável B	β	P
Mediadores Psicológicos	←	Clima Motivacional para a Maestria	0.92	***
Mediadores Psicológicos	←	Clima Motivacional para o Rendimento	-0.15	0.12
Percepção de Autonomia	←	Mediadores Psicológicos	1.00	***
Percepção de Competência	←	Mediadores Psicológicos	1.13	***
Percepção de Relacionamento	←	Mediadores Psicológicos	1.30	***
Índice de Autodeterminação	←	Mediadores Psicológicos	0.71	***

*(p<0,05) ** (p<0,01) *** (p<0,001)

Estão representados na tabela 7 os coeficientes de regressão (β) e os níveis de significância (p) encontrados para o modelo. Percebe-se que os níveis de significância desta análise foram aceitáveis e significativos.

O coeficiente de regressão do clima de rendimento predisse negativamente com os mediadores psicológicos. Por sua vez, o clima de maestria manifesta-se positivamente. Os resultados demonstraram que as variáveis relacionadas com a percepção dos mediadores psicológicos prevêm de formas significativas e positivas para as variáveis das necessidades psicológicas e para o índice de autodeterminação. Foram encontrados para as variáveis os seguintes valores: percepção de autonomia ($\beta = 1.00$), percepção de competência ($\beta = 1.13$), percepção de relacionamento ($\beta = 1.30$) e índice de autodeterminação ($\beta = 0.71$).

5 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

As discussões e conclusões deste estudo estão orientadas a partir das hipóteses propostas. Foram adotadas para embasar a pesquisa duas teorias voltadas para o esporte, que englobam o tema da motivação, são elas: 1) Teoria das Metas de Realização (AMES, 1987; AMES e ARCHER, 1987, 1988; DWECK, 1986; DWECK e ELLIOT, 1983; DWECK e LEGGET, 1988; MAHER, 1974; MAHER e NICHOLLS, 1980; NICHOLLS, 1978, 1984a, 1989); 2) Teoria da Autodeterminação (DECI e RYAN 1980). Também foi utilizado o Modelo Hierárquico da Motivação Intrínseca e Extrínseca (VALLERAND, 1997). O estudo buscou verificar a influência dos climas motivacionais percebidos sobre a percepção da satisfação das necessidades psicológicas, bem como a relação da percepção da satisfação das necessidades psicológicas sobre a motivação autodeterminada de jovens atletas na iniciação do voleibol.

De acordo com os resultados obtidos, neste estudo, e por meio da análise estrutural, o clima motivacional exerce influência nas necessidades psicológicas básicas e em todos os níveis de motivação autodeterminada, desta forma fica refutada a primeira hipótese do estudo, a qual afirma que: *A percepção do clima motivacional não influencia na satisfação das necessidades psicológicas e a satisfação das necessidades psicológicas não influencia na motivação autodeterminada.* O mesmo foi encontrado na pesquisa de ALBUQUERQUE, LUCKWU e MOURA (2010) e LUCKWU e GUZMÁN (2011).

A segunda hipótese proposta pelo estudo afirma que *um clima motivacional de maestria influencia positivamente na satisfação das necessidades psicológicas e um clima motivacional de rendimento influencia negativamente na satisfação das necessidades psicológicas, bem como a satisfação das necessidades psicológicas influencia positivamente na motivação autodeterminada.* Os resultados da análise preditiva entre a variável clima motivacional de maestria e a satisfação das necessidades psicológicas mostraram uma relação significativa e positivas entre elas. Já análise entre o clima de rendimento e a satisfação das necessidades psicológicas constatou que o clima de rendimento predisse negativamente. Também, constatou-se que quanto maior a satisfação da percepção das necessidades psicológicas, maiores os níveis motivação autodeterminada e que

estas exercem influência positivas sobre as outras. Afirmação esta que pode ser comprovada no Modelo 1 da análise preditiva, com o valor do $\beta = 0.44$ e o nível de significância (p) significativo, para a relação do clima de maestria com os mediadores psicológicos, e $\beta = -0.99$ e $P = 0.25$ para a relação do clima de rendimento com os mediadores psicológicos, como também todos os valores positivos do β para as relações dos mediadores psicológicos com a motivação autodeterminada e os p todos aceitáveis e significativos. Confirmando então a hipótese proposta. Da mesma forma foram encontrados resultados em estudos semelhantes de Albuquerque, Luckwu e Moura (2010), Luckwu e Guzmán, (2008) e Vissoci et al., (2008), em atletas de futsal, de handebol e voleibol, respectivamente.

De acordo com o MHMIE, a motivação é resultado da influência dos fatores sociais, que são mediados pela satisfação das percepções de autonomia, competência e relacionamento. A satisfação das necessidades psicológicas básicas é considerada propulsora da motivação autodeterminada (FERREIRA, 2010).

A terceira hipótese pressupõe que *um clima motivacional de maestria influencia negativamente na satisfação das necessidades psicológicas e um clima motivacional de rendimento influencia positivamente na satisfação das necessidades psicológicas, bem como a satisfação das necessidades psicológicas influencia negativamente na motivação autodeterminada*. Como já foi citado, o resultado constatou que a percepção do clima de maestria predissem positivamente na satisfação das necessidades psicológicas e o clima de rendimento predissem negativamente. Entretanto, encontrou-se neste estudo um resultado diferente ao que diz respeito à teoria da autodeterminação (Deci e Ryan, 1985), em que os índices de motivação extrínseca relacionaram-se positivamente com os mediadores psicológicos. Uma possível explicação para este resultado seria o fato desse estudo ter sido realizado com uma amostra de adolescentes e iniciantes, sobre os quais os fatores externos exercem forte influência. Afirmação esta que pode ser comprovada no Modelo 1 de análise preditiva, com os valores dos $\beta = 0.66$, $\beta = 0.52$ e $\beta = 0.75$ para a relação dos mediadores psicológicos com a motivação extrínseca de regulação Introjetada, motivação extrínseca de regulação externa e a motivação extrínseca de regulação identificada, respectivamente. E todos os níveis de significância da análise foram aceitáveis e significativos. O mesmo foi encontrado nos estudos de ALBUQUERQUE, LUCKWU e MOURA (2010) e LUCKWU e GUZMÁN (2011).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa, buscou-se verificar a relação entre o clima motivacional percebido, a satisfação da percepção das necessidades psicológicas básicas e a motivação autodeterminada de jovens iniciantes do voleibol. Destaca-se, que nos últimos anos foi significativo o crescimento de pesquisas na área da Psicologia Desportiva, em especial da motivação no esporte, pois estas procuram analisar o comportamento e os motivos que levam os atletas praticar determinado esporte. Desta forma, ela apresenta um papel importantíssimo na iniciação esportiva, auxiliando na reflexão e conduta de treinadores e pais sobre o processo de ensino-aprendizagem, no sentido do respeito emocional, como também no entendimento do comportamento e nas relações sociais.

Como percebido nos resultados do estudo, os fatores sociais influenciam na satisfação das necessidades psicológicas, de forma que um clima orientado para a maestria manifesta-se positivamente com os mediadores psicológicos e um clima orientado para o rendimento predisse negativamente com os mediadores psicológicos. Bem como, a satisfação das necessidades psicológicas básicas predisseram positivamente na motivação autodeterminada. A investigação permitiu evidenciar a importância do clima de maestria para a satisfação das necessidades psicológicas básicas e, conseqüentemente, na motivação autodeterminada. Assim, cabe ao professor proporcionar um ambiente no qual a cooperação esteja presente e que a competição exagerada esteja evitada. O treinador também deve incentivar a autonomia, organizando situações nas quais os alunos possam fazer escolhas, participem ativamente, solucionem desafios e assim possam compreender os significados racionais das atividades. Ademais, fazer o uso de estratégias para estimular a competência, oferecendo *feedback* informacional adequado, proporcionar acolhimento, respeito mútuo, possibilitando sentimento e percepção de relações sociais positivas.

Portanto, o ambiente esportivo deve encontrar caminhos para satisfazer as necessidades psicológicas básicas, de forma que estas possam levar os esportistas a obterem níveis mais elevados de motivação autodeterminada, pois os mediadores psicológicos, o envolvimento e prazer são variáveis que podem ser influenciadas pelo ambiente esportivo. Além do mais, segundo Deci e Ryan (2000), a satisfação

das necessidades psicológicas básicas é considerada fundamental para um ótimo desenvolvimento e saúde psicológica.

As teorias que embasaram o estudo apresentam grandes contribuições para o entendimento do comportamento e desenvolvimento atlético, estas não são as únicas que influenciam no sucesso de um atleta, mas sim o conjunto de várias ciências, as quais funcionam de forma interdisciplinar cada uma com sua parcela de contribuição.

Houve uma limitação quanto à quantidade da amostra, com isso, para investigações futuras convém o alargamento da composição da amostra para análises mais precisas. Seria interessante para outros estudos a utilização de análises entre componentes como a comparação entre atletas de diferentes idades, tendo em vista que o estudo foi realizado com crianças e adolescentes, a comparação entre os gêneros, comparação com outras variáveis como comprometimento desportivo, agressividade e ansiedade. Como também pesquisas que envolvam técnicos, equipes de alto-rendimento e outras modalidades, sejam elas coletivas ou individuais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. E.; LUCKWU, R. M.; MOURA, S. K. M. S. F. Influência da Satisfação das necessidades psicológicas sobre a motivação de jovens atletas de futsal. **II Congresso Nacional de Atividade Física e Saúde**. Campina Grande, Paraíba, 2010.

AMES, C. Classroom: Goals, structures, and student motivation. **Journal of Educational Psychology**, 84 (3), p. 261-271, 1992.

BAUMEISTER, R. F.; LEARY, M. R. The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. **Psychological Bulletin**, 117(3), p. 497-529, 1995.

BENCK, R.; VALDÈS, H.; TÔRRES, T. Análise Fatorial Confirmatória da Escala Brasileira de Atribuição Causal. **Revista Brasileira de Ciência Movimento**. 2006.

BIDDLE, S.; CHATZISARANTIS, N.; HAGGER, M. Self-determination theory in sport and exercise. Em F. Cury; P. Sarrazin; J. P. Famose (Orgs.), **Theories de la motivation et sport**: Etats de la Recherche. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

BIDDLE, S. **Psychology of Physical Activity**: Determinantes, Well- Being and Interventions. New York: Taylor and Francis/ Psychology Press, 2005.

BZUNECK, J. A. A motivação do aluno orientado a metas de realização. Em E. Boruchovith; J. A. Bzuneck (Orgs.), **A motivação do aluno**: Contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BECKER JR. B.; SAMULSKI, D. **Manual de treinamento psicológico para o esporte**. Novo Hamburgo: Feevale, 1998.

CARRATALÁ, E. S. **Análisis de la teoría de metas de logro y de la autodeterminación en los planos de especialización deportiva de la Generalitat valenciana**. 2004. 245 f. Tese (Doutorado em Psicobiologia e Psicologia Social) - Universitat de Valencia, Valencia. 2004.

CBV, **Confederação Brasileira de Voleibol**. Disponível em: < <http://www.cbv.com.br> > Acesso em: 09 mar. 2011.

CRATTY, B. J. **Psicologia no Esporte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Prelice- Hall do Brasil, 1984.

DECI, E.L.; RYAN, R.M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. New York: Plenum, 1985.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behaviour. **Psychological Inquiry**, v. 11, p. 227-268, 2000.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. Intrinsic Versus Extrinsic Goal Contents in Self-Determination Theory: Another Look at the Quality of Academic Motivation. **Educational Psychologist**, 41 (1), p. 19-31, 2006.

DUDA, J.L. Motivation in Sport Settings: A Goal Perspective Approaches. In **Motivation in sport and exercise**. Champaign: Human Kinetics, 1992.

DUDA, J.L.; CUMMING, J.; BALAGUER, I. Enhancing athletes' self regulation, task involvement, and self determination via psychological skills training. In: D. Hackfort; J. Duda; R. Lider (Eds.), **Handbook of Applied Sport Psychology Research**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, 2005.

DWECK, C.S. Motivational processes affecting learning. **American sychologist**, 1986.

EPSTEIN, J. Family structures and student motivation; A developmental perspective. In C. Ames & R. Ames (Eds.). **Research on motivation in education**. v. 3, p. 259-295, New York: Academic Press, 1989.

FERNANDES, H. M. G. **Motivação no contexto da educação física: Estudo centrado no valo preditivo das intenções de prática desportiva, em função da motivação intrínseca**. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real. 2003. 136 f.

FERNANDES, H. M.; VASCONSELOS-RAPOSO, J. Continuum de auto-determinação: validade para a sua aplicação no contexto desportivo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 10, n. 3, p. 385-395, 2005.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, H. B. **Iniciação Esportiva: Uma Abordagem Pedagógica Sobre o Processo de Ensino-Aprendizagem no Basquetebol.** Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2001.

FERREIRA, E. E. B. **A Percepção de Competência, Autonomia e Pertencimento como indicadores da Qualidade Motivacional Do Aluno.** 2010. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2010.

GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor bebês, adolescentes e adultos.** São Paulo: Phort Editora, 2001.

GOULART, C. M. **Motivação e Esporte: Um programa de Intervenção das Metas de Realização em Jovens Atletas.** 2007. 201 f. Tese (Doutorado em Psicologia do Esporte) – Universidade de Brasília, Brasília. 2007.

GUZMÁN, J. F.; CARRATALÁ, E. S. Mediadores psicológicos y motivación deportiva en judocas. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte, Valencia**, v. 2, n. 5, p. 1-11, 2006.

GUZMÁN, J. F.; LUCKWU, R. M. Propiedades psicométricas de una escala de percepción de la satisfacción de las necesidades psicológicas básicas en el deporte. **I Congreso Internacional de Ciencias del Deporte de la UCAM.** Murcia, España, 2008.

HIROTA, V. B.; SCHINDLER, P.; VILLAR, V. Motivação em atletas universitárias do sexo feminino praticantes do futebol de campo: um estudo piloto. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.5, n. esp., p. 135-142, 2006.

KUNZ, E. **Transformações didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Unijuí, 1994.

LUCKWU, R.M.; GUZMÁN, J.F. Qué determina el compromiso del deportista: Un análisis desde la teoría de la Autodeterminación. **V Congreso Asociación Española de Ciencias del deporte**, Universitat de València, 2008.

LUCKWU, R. M.; GUZMÁN, J. F. Deportividad en balonmano: un análisis desde la Teoría de la Autodeterminación. **Revista de Psicología del deporte**, v. 20, n. 2, p. 1 - 16, 2011.

MORENO, J.H. **La iniciación a los deportes desde su estructura y dinámica: aplicación a la educación física escolar y al entrenamiento deportivo**. 1. ed. Barcelona, Espanha: INDE Publicación, 2000.

NICHOLLS, J.G. Conceptions of ability and achievement motivation. In: R. Ames e C. Mas (Eds.) **Research on motivation in education: Student motivation**. New York: Academic Press, 1984.

NICHOLLS, J.G. The general and the specific in development and expression of achievement motivation. In : G. Roberts (Ed.), **Motivation in Sport And Exercise**. p. 31-56. Champaign, IL: Human Kinetics, 1989.

PELLETIER, L. G.; FORTER, M.; VALLERAND, R.; TUSON, K.; BRIÈRE, N.; BLAIS, M. Toward a new measure of intrinsic motivation, extrinsic motivation and amotivation in sports: The sport motivation scale (SMS). **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 17, p. 35-53, 1995.

PFROMM NETTO, S. Prefácio: Motivação. Em: Anais **XVII Internacional School Psychology Colloquium & II Congresso Nacional de Psicologia Escolar**. Campinas: Editora Átomo, 1995.

RAMOS, A. M.; NEVES, R. L. R. A Iniciação Esportiva e a Especialização Precoce à Luz da Teoria da Complexidade – Notas Introdutórias. **Editorial Pensar a Prática**, Goiás, v. 11, n. 1, 2008. Disponível em: < <http://www.revistas.ufg.br/> > Acesso em: 18 mar. 2011.

REEVE, J.; DECI, E. L.; RYAN, R. M. Self-determination theory: a dialectical framework for understanding sociocultural influences on student motivation. In: MCINERNEY, D. M.; VAN ETEN, S. (Eds.) **Big theories revisited**. Greenwich: Information Age Publishing, 2004. p. 31-60.

RIZOLA, A. N. **Uma proposta de preparação para equipes jovens de voleibol feminino**. 2003. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2003. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>> Acesso em: 27 mar. 2011.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development and well-being. **American sychologist**, Washington, D.C., n. 55 (1), p. 68-78, 2000.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Self-Regulation and the Problem of Human Autonomy: Does Psychology Need Choice, Self-Determination, and Will? **Journal of Personality**, 2006.

SAMULSKI, D.M. **Psicologia do Esporte: um manual para a educação física, fisioterapia e psicologia**. Barueri, São Paulo: Manole, 2002.

SERPA, S.; ALVES, P.; BARREIROS, A. **Versão portuguesa da Sport Motivational Scale (SMS) e da Sport Academic Scale (AMS)**: processos de tradução, adaptação e fiabilidade. Tese (Doutorado em Psicologia do Esporte) - Faculdade de Motricidade Humana, Laboratório de Psicologia do Desporto. Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2004.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. **Revista Atual**, 3 ed. Florianópolis, 2001. Disponível em: <<http://projetos.inf.ufsc.br/>> Acesso em: 16 mar. 2011.

SINGER, R. Sport Psychology: an integrated approach. In. Serpa, S.; Alves, J.; Ferreira, V.; Brito, A. **Proceedings of the 8th world congress in sport psychology**. p. 131-146. Lisboa: SPPD – FMH, 1993.

SOBRAL, D. T. Motivação do aprendiz de Medicina: uso da escala de motivação acadêmica. **Psicologia teoria e Pesquisa**. Brasília, v.19, n.1, 2003.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

VALLERAND, R. J.; DECI, E. L.; RYAN, R. M. Intrinsic motivation in sport. In K. B. Pandolf (Org.), **Exercise and Sport Sciences Reviews**, Nova York: MacMillan, v. 15, p. 389-425, 1987.

VALLERAND, R. J.; THILL, E. E. **Introduction à la psychologie de la motivation**. Laval, Québec: Études Vivantes, 1993.

VALLERAND, R. J. Toward a hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. En M. P. Zanna (Ed.), **Advances in experimental social psychology**. New York: Academic Press, 1997.

VIDAL, E.; RUIZ G.; ORTEGA, M.; LÓPES, J.; VERA, P. Um acercamiento a La comprensión de La psicología Del esporte em espanã. Análisis de La revista de psicología Del deporte. **Revista de Psicología Del Deporte**, n.10, p.69-81, 2001.

VIEIRA, L. F.; VISSOCI, J. R. N.; OLIVEIRA, L. P.; VIEIRA, J. L. L. Psicologia do Esporte: Uma Área Emergente da Psicologia. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 15, n. 2, p. 391-399, 2010.

VISSOCI, J. R. N.; VIEIRA, L. F.; OLIVEIRA, L. P.; VIEIRA, J. L. P. Motivação e atributos morais no esporte. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 173-182, 2008.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WHITE, W. R. Motivation reconsidered: The concept of competence. Em P. H. Mussem; J. J. Conger; J. Kagan (Orgs.), **Basic and contemporary issues in developmental psychology**. New York: Harper & Row, 1975.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre Motivação na iniciação do voleibol e está sendo desenvolvida por Poliane de Alencar Holanda, aluna do Curso de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Professor Mestre Rogério Márcio Luckwu dos Santos.

O objetivo geral do estudo é verificar a ação dos mediadores psicológicos sobre a motivação de jovens atletas na iniciação no voleibol, tendo como etapas a identificação da percepção do clima motivacional, da satisfação das necessidades psicológicas e do nível de motivação dos mesmos.

A pesquisa é de suma importante, pois ela pode auxiliar os profissionais que trabalham na área de iniciação desportiva na condução dos treinos e no comportamento frente aos atletas. Bem como, enriquecer a literatura brasileira e servir de base para estudos posteriores para psicologia e para a iniciação desportiva.

Solicitamos a sua colaboração no questionário, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

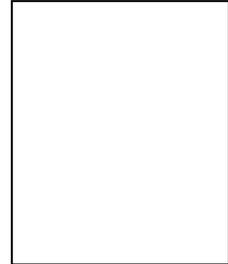
Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)



Espaço para impressão

Assinatura da Testemunha

Contato com o Pesquisador Responsável: (83) 8650-5073

Contato com a Pesquisadora Participante: (83) 8819-4185

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para pesquisador (a).

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Participante

APÊNDICE B - Termo de Solicitação de Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE SOLICITAÇÃO DE PESQUISA

Venho por meio deste, solicitar a autorização do Colégio/Clube _____ para participar da pesquisa para o desenvolvimento de trabalho conclusão final de curso, intitulado como **Ação dos Mediadores Psicológicos na Iniciação do Voleibol**, que está sendo desenvolvida por **Poliane de Alencar Holanda**, aluna do Curso de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Professor Mestre **Rogério Márcio Luckwu dos Santos**. Bem como a autorização da publicação dos resultados deste estudo em eventos da área de saúde e esporte, porém o nome da entidade será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a saúde dos participantes.

Assinatura do Representante Legal

ANEXOS

ANEXO A - Questionário de Percepção de Clima Motivacional (PMCSQ-2)

Pense sobre com você tem se sentido jogando em seu time durante esta temporada? O que normalmente tem acontecido? Como tem sido o ambiente da sua equipe? Leia as questões abaixo cuidadosamente e responda cada uma delas de acordo com o que você tem visto no típico ambiente de sua equipe. As percepções variam naturalmente de pessoa para pessoa. Então esteja seguro em usar o tempo que for necessário respondendo as questões abaixo tão honestamente quanto você possa. Marque o número que corresponde ao que melhor representa com você se sente.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Nem discordo, nem concordo	Concordo	Concordo totalmente

NO NOSSO GRUPO...

1. ...os atletas ajudam uns aos outros a se superarem e a obter o seu melhor	1	2	3	4	5
2. ...o técnico sempre fala que nós devemos fazer o nosso melhor	1	2	3	4	5
3. ...cada atleta tem um importante papel na equipe	1	2	3	4	5
4. ...o técnico encoraja os atletas a ajudarem uns aos outros	1	2	3	4	5
5. ...os atletas são encorajados a melhorar seus pontos fracos	1	2	3	4	5
6. ...o objetivo é melhorarmos a cada treino	1	2	3	4	5
7. ...cada atleta contribui de uma forma importante para o treinamento	1	2	3	4	5
8. ...cada atleta sente-se um membro importante da equipe	1	2	3	4	5
9. ...esforçar-se é reforçador	1	2	3	4	5
10. ...os atletas realmente treinam em conjunto como uma equipe	1	2	3	4	5
11. ...os atletas sentem-se bem sucedidos quando realmente melhoram	1	2	3	4	5
12. ...o técnico acredita que todos somos importantes	1	2	3	4	5
13. ...os atletas ajudam uns aos outros durante os treinamentos	1	2	3	4	5
14. ...o técnico verifica se os atletas estão melhorando nas habilidades que eles não são muito bons	1	2	3	4	5
15. ...os atletas sentem-se bem quando tentam fazer o seu melhor	1	2	3	4	5
16. ...o técnico quer que tentemos novas técnicas	1	2	3	4	5
17. ...os diferentes níveis de habilidade de cada atleta são importantes para equipe	1	2	3	4	5
18. ...o técnico demonstra preferência por uns atletas em relação aos outros	1	2	3	4	5
19. ...o técnico tem seus atletas favoritos	1	2	3	4	5
20. ...as "estrelas" da equipe recebem mais atenção do técnico	1	2	3	4	5
21. ...o técnico deixa claro quem ele considera os melhores atletas	1	2	3	4	5
22. ...o técnico acha que somente as "estrelas" da equipe são importantes	1	2	3	4	5
23. ...somente os melhores atletas são notados e observados pelo técnico	1	2	3	4	5
24. ...os atletas têm medo de cometer erros	1	2	3	4	5
25. ...o técnico fica irritado quando alguém comete um erro	1	2	3	4	5
26. ...somente as atletas que são "estrelas" recebem elogios do técnico	1	2	3	4	5
27. ...os atletas são punidos quando cometem erros	1	2	3	4	5
28. ...o técnico xinga os atletas durante os treinos	1	2	3	4	5
29. ...os atletas são colocados fora da equipe quando cometem falhas	1	2	3	4	5
30. ...o técnico elogia um atleta somente quando ele é melhor do que os outros	1	2	3	4	5
31. ...se você quiser participar de uma competição, você deverá ser um dos melhores atletas da equipe	1	2	3	4	5
32. ...os atletas são encorajados a ter um desempenho superior a seus colegas de equipe	1	2	3	4	5
33. ...os atletas são incentivados quando têm o seu rendimento melhor do que dos outros	1	2	3	4	5

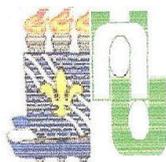
ANEXO B - Questionário da Escala das Necessidades Psicológicas (ESaNPd)

Em relação ao esporte que eu pratico, eu acredito que...	<i>Não corresponde</i>		<i>Corresponde moderadamente</i>			<i>Corresponde exatamente</i>	
	1	2	3	4	5	6	7
1. Posso praticar meu esporte de forma eficaz.	1	2	3	4	5	6	7
2. Eu sinto que sou importante para os meus colegas e treinador.	1	2	3	4	5	6	7
3. Eu me sinto livre no ambiente esportivo.	1	2	3	4	5	6	7
4. Meu esporte pode ser útil para mim no meu futuro.	1	2	3	4	5	6	7
5. Sinto que eu posso fazer bem as habilidades do meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
6. Tenho um bom relacionamento com colegas e treinador.	1	2	3	4	5	6	7
7. A prática do meu esporte pode melhorar a minha qualidade de vida.	1	2	3	4	5	6	7
8. Tenho bom domínio do meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
9. Tenho a oportunidade de tomar decisões no meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
10. Meus companheiros e treinador me demonstram seu afeto.	1	2	3	4	5	6	7
11. Eu controlo o meu nível de dedicação ao esporte.	1	2	3	4	5	6	7
12. Poderia tirar proveito do meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
13. Eu pratico e me esforço neste esporte por decisão própria.	1	2	3	4	5	6	7
14. Acredito que tenho características adequadas para meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
15. Eu sou apoiado por meus companheiros e treinador	1	2	3	4	5	6	7
16. Eu poderia ganhar a vida em meu esporte (ser profissional).	1	2	3	4	5	6	7

ANEXO C - Escala de Motivação Desportiva (EMD)

<i>Participo e me esforço no meu esporte...</i>	Não corresponde		Corresponde moderadamente			Corresponde exatamente	
1. Pelo prazer de viver experiências estimulantes.	1	2	3	4	5	6	7
2. Pelo prazer de saber mais sobre o esporte que pratico.	1	2	3	4	5	6	7
3. Costumava ter boas razões para praticar, mas agora me pergunto se devo continuar.	1	2	3	4	5	6	7
4. Pelo prazer de descobrir novas técnicas.	1	2	3	4	5	6	7
5. Já não sei tenho a impressão de ser incapaz de me desenvolver neste esporte.	1	2	3	4	5	6	7
6. Porque me permite ter reconhecimento dos outros.	1	2	3	4	5	6	7
7. Porque, na minha opinião, é uma das melhores formas desenvolver-me como pessoa.	1	2	3	4	5	6	7
8. Porque me sinto muito satisfeito quando consigo desenvolver as técnicas do meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
9. Porque é uma boa forma de desenvolver minhas capacidades.	1	2	3	4	5	6	7
10. Pelo prestígio de ser um bom atleta.	1	2	3	4	5	6	7
11. Porque é uma das melhores formas de desenvolver outros aspectos de mim mesmo.	1	2	3	4	5	6	7
12. Pelo prazer que sinto quando meloro um dos meus pontos fracos.	1	2	3	4	5	6	7
13. Pela sensação que tenho quando estou realmente concentrado nas atividades.	1	2	3	4	5	6	7
14. Porque devo praticar esporte para sentir-me bem comigo mesmo.	1	2	3	4	5	6	7
15. Pela satisfação que experimento quando estou aperfeiçoando minhas habilidades.	1	2	3	4	5	6	7
16. Porque não estaria bem comigo mesmo si não praticasse esporte.	1	2	3	4	5	6	7
17. Porque é uma boa forma de aprender coisas que possam ser úteis em outros aspectos da minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
18. Pelas emoções que experimento quando pratico o esporte que eu gosto.	1	2	3	4	5	6	7
19. Já não tenho tão claro, realmente não creio que meu lugar seja dentro do esporte.	1	2	3	4	5	6	7
20. Pelo prazer que sinto enquanto realizo certos movimentos difíceis.	1	2	3	4	5	6	7
21. Porque me sentiria mal se não gastasse tempo praticando esporte.	1	2	3	4	5	6	7
22. Para mostrar aos outros como sou bom no meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
23. Pelo prazer que sinto quando conheço novas técnicas que nunca havia realizado.	1	2	3	4	5	6	7
24. Porque é uma das melhores formas de conseguir prêmios.	1	2	3	4	5	6	7
25. Porque eu gosto do sentimento de estar totalmente envolvido a atividade.	1	2	3	4	5	6	7
26. Porque devo praticar esporte com regularidade.	1	2	3	4	5	6	7
27. Pelo prazer de descobrir novas estratégias.	1	2	3	4	5	6	7
28. Sempre me digo que não consigo realizar as metas que estabeleço.	1	2	3	4	5	6	7

ANEXO D - Certidão de Aprovação do Comitê de Ética do HULW



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA - UFPB
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY - HULW
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS - CEP

CERTIDÃO

Com base na Resolução nº 196/96 do CNS/MS que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley - CEP/HULW, da Universidade Federal da Paraíba, em sua sessão realizada no dia 26/04/2011, após análise do parecer do relator, resolveu considerar **APROVADO** o projeto de pesquisa intitulado **AÇÃO DOS MEDIADORES PSICOLÓGICOS NA INICIAÇÃO DO VOLEIBOL.** Protocolo CEP/HULW nº. 146/11, Folha de Rosto nº 417152, CAAE Nº 0707.0.000.126-11 dos pesquisadores POLIANE DE ALENCAR HOLANDA e PROF.º Ms. ROGERIO MARCIO LUCKWU DOS SANTOS (Orientador)

Ao final da pesquisa, solicitamos enviar ao CEP/HULW, uma cópia desta certidão e da pesquisa, em CD, para emissão da certidão para publicação científica.

João Pessoa, 26 de abril de 2011.

Profª Drª Iaponira Cortez Costa de Oliveira
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa-HULW

Endereço: Hospital Universitário Lauro Wanderley-HULW - 4º andar. Campus I - Cidade Universitária.
Bairro: Castelo Branco - João Pessoa - PB. CEP: 58051-900 CNPJ: 24098477/007-05
Fone: (83) 32167302 — Fone/fax: (083)32167522 E-mail - cepulw@hotmail.com